

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA**

**A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA I CARTA DE SÃO CLEMENTE ROMANO
AOS CORÍNTIOS**

MÁRCIA ELIEDER BOLONHEZ MENEGUETTI

**MARINGÁ
2021**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA**

**A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA I CARTA DE SÃO CLEMENTE ROMANO AOS
CORÍNTIOS**

Dissertação apresentada por Márcia Elieder Bolonhez Meneguetti, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: História e Historiografia

Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo
- UEM - PR

Coorientadora: Prof^a. Dra. Roseli Gall do Amaral
da Silva – UTFPR

MARINGÁ
2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

M541e

Meneguetti, Márcia Elieder Bolonhez

A Educação Cristã na I Carta de São Clemente Romano aos Coríntios / Márcia Elieder Bolonhez Meneguetti. -- Maringá, PR, 2021.
84 f.

Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo.

Coorientadora: Profa. Dra. Roseli Gall do Amaral da Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. Educação cristã. 2. Cristianismo primitivo. 3. Clemente Romano - Educação cristã. 4. Virtudes - Vida cristã. I. Pereira Melo, José Joaquim, orient. II. Silva, Roseli Gall do Amaral da, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

CDD 23.ed. 371.0712

Síntique Raquel Eleutério - CRB 9/1641

MARCIA ELIEDER BOLONHEZ MENEGUETTI

**A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA I CARTA DE SÃO CLEMENTE ROMANO AOS
CORÍNTIOS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO (Orientador) – UEM

Prof^a. Dr^a. ROSELI GALL DO AMARAL DA SILVA (Coorientadora) –
UTFPR

Prof. Dr. RODRIGO HAYASI PINTO – PUCPR

Prof^a. Dr^a. CHRISTINA APARECIDA DOS SANTOS – UEM

Data de aprovação: 30/09/2021

Dedico este trabalho à minha mãe Maria Mafalda Barion, que sempre me incentivou a estudar e alcançar um ideal, como mulher e ser humano, por isso é a minha maior inspiração e quero lhe oferecer esta conquista.

Ao meu filho Arthur Felipe Meneguetti que me fez perder meus medos diante de qualquer problema, se mostrando um homem seguro, muito orgulho.

Aos meus filhos Bianca e Júlio César por estarem sempre dispostos quando recrutados para resolverem os problemas digitais, com muita doçura e paciência, uma atenção que às vezes, por falta de tempo, posso não ter dado a eles, muito arrependimento, mas demonstraram que foram ensinados no caminho correto.

AGRADECIMENTOS

Nestes anos de muito estudo, empenho e esforço, na trajetória deste mestrado, gostaria de agradecer algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização de um sonho.

Minha gratidão especial ao meu orientador Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo. Ele foi primordial no incentivo ao desenvolvimento da minha escrita e do meu desempenho em relação às ideias. Ele me incentivou, apoiou, de forma extraordinária e pertinente na instrução, orientação e acompanhamento deste estudo. Acredito genuinamente que o Neto, como é carinhosamente conhecido na comunidade acadêmica, foi meu grande incentivador, não medindo esforços para me levar nas teias do conhecimento. Com uma forma de lecionar sem precedentes, o Neto nos direciona para o saber de forma admirável, sabendo claramente de nossas deficiências e, com maestria, extrai de nós tudo o que podemos oferecer e mais um pouco. É uma luta diária e incansável de um professor que escolheu ou foi escolhido para o lugar certo neste mundo em que a educação ainda é um ponto crucial na evolução do homem.

O professor e doutor Neto é o verdadeiro mestre do qual necessitamos, pois somente desta maneira, estaríamos no caminho que ele tanto admira, ou seja, o conhecimento pleno, como era na *paideia* grega. Nela, o homem atingiu o saber de uma forma ideal para a conquista de sua cidadania e respeito humanos. Houve momentos em que ficava um pouco preocupada com as suas correções e advertências, pensando que talvez não conseguiria corresponder às expectativas dele, mas eram feitas com tanta doçura e cuidado que acabava acatando com a tranquilidade de quem precisa ser corrigido para que possa alcançar a sapiência.

Essa é a maneira correta de se fomentar e levar o ser humano a atingir o seu saber de uma forma que a pessoa ensinada nem perceba que está aprendendo e florescendo.

Também agradeço à Dr^a Roseli Gall do Amaral da Silva pelas generosas contribuições e a todos os membros da banca que se dispuseram a ler o texto.

MENEGUETTI, Marcia Elieder Bolonhez. **A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA I CARTA DE SÃO CLEMENTE ROMANO AOS CORÍNTIOS**. 2021. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2021.

RESUMO

O presente estudo se intitula *A educação Cristã na I Carta de São Clemente Romano aos Coríntios* e o objetivo é discutir nesta Carta os aspectos educacionais que Clemente Romano prescreveu como fundamentais aos adeptos da nova crença. Escrita no século I d. C., por volta de 92 a 96, essa epístola foi redigida depois que o autor, Clemente Romano, então bispo de Roma, recebeu notícias de dissidências na comunidade de Corinto. O objetivo geral é discutir a proposta formativa direcionada aos cristãos, presente no referido documento. Como fonte primária privilegiamos a *Carta de Clemente Romano aos Coríntios*, de Clemente Romano, traduzida do grego por M. Luiz Marques, com introdução de Isidro B. Lamelas (2001), além de outras referências bibliográficas tais como: Eusébio de Cesareia (2005), Jaeger (1989) Lightfoot (1869), Cowper (1967), Daniel-Rops (2014), Moreschini e Novelli (1996), Altaner e Stuiber (1988), Koester (2005), dentre outros, o que oportunizou um suporte histórico e metodológico para a presente pesquisa. A discussão do tema é realizada em três seções: na primeira seção, versamos sobre Clemente Romano, seu contexto social e suas origens. Na segunda seção, discorremos sobre a I Carta de Clemente Romano, demonstrando os motivos pelos quais foi escrita, bem como sua estrutura e conteúdo. Na terceira seção, realizamos o estudo da Carta dentro dos objetivos propostos, quais sejam: a educação cristã defendida por Clemente Romano além de descrever os recursos necessários para a formação das virtudes que ele elegeu para educar e instruir o homem cristão, entre os quais: a fé, o amor, a humildade, a disciplina familiar, a obediência, a fraternidade e a união na comunidade. Procurou-se entender a transformação pela qual passou o homem cristão ao apreender uma formação e educação cristãs e a contribuição destas para a religião e a sociedade conflituosa em que vivia. Esta formação colaborou para edificar o homem a fim de que aceitasse com submissão e resiliência os problemas de seu tempo. A educação cristã foi fundamental para esta transição pacífica. Nesse sentido, a educação cristã contribuiu para a formação deste homem, tendo em vista atender as exigências da boa nova cristã, bem como sua sobrevivência social naquele período.

Palavras-chave: Educação; Cristianismo primitivo; Comunidade de Corinto; Clemente Romano.

MENEGUETTI, Marcia Elieder Bolonhez. **CHRISTIAN EDUCATION IN THE I LETTER OF SAINT CLEMENT ROMAN TO THE CORINTHIANS**. 2021. 84 p. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Dr. José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2021.

ABSTRACT

The present study is entitled *Christian education in the First Letter of Saint Clement of Rome to the Corinthians* and the purpose is to research educational aspects in this Letter. that Clement of Rome prescribed as fundamental to the adherents of the new belief. Written in the 1st century a. C., around 92-96, this epistle was written after the author, Clement of Rome, then bishop of Rome, received news of dissent in the community of Corinth. The general objective is to discuss the formative proposal aimed at Christians, present in that document. As a primary source we favored the 1st Letter of Clement of Roman to the Corinthians, by Clement of Rome, translated from the Greek by M. Luiz Marques, with an introduction by Isidro B. Lamelas (2001), as well as other bibliographical references such as: Eusébio de Cesaréia (2005), Jaeger (1989), Lightfoot (1869), Cowper (1967), Daniel-Rops (2014), Moreschini and Novelli (1996), Altaner and Stuiber (1988), Koester (2005), among others, which provided historical and methodological support for this research. The discussion of the theme is carried out in three sections: in the first, we talk about Clement of Rome, its social context and its origins. In the second, we discuss the Letter, demonstrating the reasons why it was written, as well as its structure and content. In the third section, we carry out the study of the Charter within the proposed objectives, which is the Christian education defended by Clement of Rome, as well as describing the resources needed for the formation of the virtues he chose to educate and instruct the Christian man, among which: faith, love, humility, family discipline, obedience, brotherhood and union in the community. We tried to understand the transformation that the Christian man went through when apprehending a Christian formation and education and their contribution to the religion and the conflicting society in which he lived. This formation helped to build the man so that he accepted with submission and resilience the problems of his time. Christian education was fundamental to this peaceful transition. In this sense, Christian education contributed to the formation of this man, aspiring at the demands of the good Christian news, as well as his social survival in that period.

Keywords: Education; early Christianity; Community of Corinth; Clement of Rome.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CLEMENTE ROMANO: O TEMPO, O HOMEM E A DEFESA DA FÉ CRISTÃ... 14	
2.1 A Presença do Cristianismo em Roma e em Corinto na época do Bispo Clemente Romano	14
2.2 Os Padres Apostólicos	20
2.3 Clemente Romano, suas origens	27
2.3.1 Clemente Romano visto pela tradição cristã e histórica.....	32
3. CLEMENTE ROMANO E A I CARTA AOS CORÍNTIOS	37
3.1 A Primeira Carta aos Coríntios: Lições Para a Comunidade Cristã	38
3.2 Estrutura e Conteúdo da I Carta aos Coríntios	45
3.3 Os Conflitos da Comunidade de Coríntios: Os Motivos da Ação de Clemente Romano.....	50
4. O CARÁTER PEDAGÓGICO DA I CARTA AOS CORÍNTIOS	55
4.1 Os Princípios Formativos da I Carta aos Coríntios	55
4.1.1 O Amor.....	58
4.1.2 A Humildade e a Fé.....	62
4.1.3 A Fraternidade	68
4.1.4 A Disciplina	69
4.1.5 A União na Comunidade	72
5. CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	80

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e, à linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação. Apresenta como tema de estudo a defesa da Educação Cristã realizada por Clemente Romano (? – 101 d.C.) na I *Carta aos Coríntios*. Clemente Romano foi o terceiro bispo da comunidade cristã em Roma, na última década do século I d. C, quando ainda não havia a designação titular de Papa para a maior autoridade na hierarquia da Igreja Cristã. Era, nesse momento, uma igreja e religião em construção, que enfrentava os conflitos e dificuldades que lhes eram próprias.

Por esse motivo, uma pesquisa que considera esse autor e tempo histórico é relevante porque Clemente Romano, na carta que escreveu para a comunidade de Corinto, procurou amenizar os conflitos resultantes das divergências internas. Segundo a tradição e a I *Carta* por ele redigida, jovens coríntios tinham se revoltado contra os dirigentes mais velhos, provavelmente motivados por disputas de poder e busca de maior representatividade. Sobre essas divergências, Clemente Romano (2001, p.51) argumentou sobre os possíveis motivos ao alegar a existência de comportamentos invejosos.

Toda a glória e abundância vos foi dada, e cumpriu-se o que estava escrito: 'O amado comeu, bebeu, engordou, fortaleceu-se e recalcitrou'. 2. Daí surgiram a inveja, o ciúme, a querela e a sedição, a perseguição e a desordem, a guerra e a escravidão. Deste modo, insurgiram-se os indignos contra os dignos, os ignóbeis contra os nobres, os insensatos contra os ponderados, os jovens contra os anciãos (I CLEM., II, 1-2).

Assim, tendo em vista essa situação de dissensões internas em Corinto, na I *Carta* endereçada para a comunidade cristã, o padre apostólico exortou para que todos procurassem o caminho da unidade, obediência e harmonia cristã. Na efetivação de uma comunidade que Clemente Romano entendia como santa, ele elencou e discorreu sobre as virtudes que deveriam ser praticadas, como a fé, a humildade, o amor, a obediência, a solidariedade e fraternidade, a disciplina familiar

e a união. Ele buscou uma forma de instruir os cristãos de Corinto por meio de uma formação cristã que considerasse a disciplina e a moral familiar.

Sendo assim, poderíamos afirmar que Clemente Romano procurou resolver os conflitos apelando para a formação cristã? Quais princípios e meios utilizou para realizar seus objetivos? De que maneira ele entendeu a formação?

A partir desses questionamentos, pode-se compreender que as qualidades e práticas virtuosas do homem cristão, passavam em grande medida pela educação que acontecia na esfera familiar, no âmbito da comunidade e na busca de exemplos dignificantes para o homem daquele tempo. Em face disso, é o que o objetivo geral do trabalho se constituiu em: discutir a proposta formativa cristã defendida por Clemente Romano na *I Carta aos Coríntios*. O princípio de que partimos é o fato de que as virtudes que ele entendeu como responsabilidade da família cristã e da comunidade teria como finalidade solidificar o espírito cristão numa sociedade conflituosa. Por isso, elencamos as virtudes, a exemplo da disciplina familiar, da fé, do amor, da humildade, da obediência, da solidariedade e da união, porque elas deveriam repercutir na comunidade.

Nesta perspectiva, a *I Carta aos Coríntios* de Clemente Romano configurou-se como fonte primária deste estudo. Privilegiamos uma versão bilíngue e traduzida diretamente do grego para o português, por Luiz Marques, com Introdução de Isidro P. Lamelas, edição de 2001. Para contribuir na compreensão da proposta formativa, outros autores também foram consultados, enquanto resultado da pesquisa que cabe em um programa de pós-graduação. Assim, este documento descoberto há poucos séculos, é a base do presente estudo e contém inúmeras mensagens que possibilitam a nossa pesquisa.

A *I Carta aos Coríntios* contém 65 Capítulos, com direcionamentos e conselhos dirigidos à comunidade de Corinto. Neles, podemos entender a formação defendida por Clemente Romano para os cristãos, além de seus conhecimentos e o fato de pôr em pauta esboços teológico-doutrinários direcionados para a igreja que buscava sua identidade e efetivação. É importante ressaltar que Clemente Romano, ao escrever a *I Carta aos Coríntios*, teve como exemplo a Carta de Paulo de Tarso (5 d. C. – 67 d. C.), que também enviou uma carta para a mesma comunidade, por volta de quarenta anos antes. Nela, prescreveu um novo comportamento a este homem atraído pelas mensagens cristãs.

Ao que tudo indica, a epístola de Clemente Romano foi lida muitos anos depois de sua morte, em muitas comunidades cristãs primitivas, como referência de ensinamentos para essas comunidades do alvorecer do cristianismo. A I Carta aos Coríntios, portanto, possibilita o alcance de informações histórico-educativas sobre o ideal formativo de um povo situado em um tempo e espaço, neste caso, de um povo dividido “[...] por interesses de ordem pessoal, contrários ao que exortava a prática da convivência cristã” (PEREIRA MELO, 2012, p.187) e de uma sociedade que buscava consolidar o caráter universal da Igreja, como também “[...] sua formação em comunidades locais, sua condição de peregrina e suas origens alicerçadas em um chamado de Deus” (PEREIRA MELO, 2012, p.188).

Nesse sentido, compreende-se a I carta aos Coríntios como uma “[...] ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados sobre o passado” (RAGAZZINI, 2001, p.14), e, que pode “[...] dizer à sociedade contemporânea algumas coisas das quais ela poderia se beneficiar, ainda que hesite em aprendê-las” (HOBSBAWM, 2013, p. 44).

Convém esclarecer, também, que a escolha do tema em questão justifica-se em um primeiro momento pelo interesse na formação instrucional do homem cristão no cristianismo primitivo. E, assim, a relevância do tema se dá na análise que se possibilita entender de que forma o homem antigo edificava a sua formação para superar as dificuldades do seu momento histórico. Em cada período os homens enfrentam transformações e são obrigados a pensarem novos caminhos de confrontação na tentativa de resolverem os conflitos e melhorarem suas condições vitais no seu contexto social e um desses caminhos foi a educação cristã edificada pela religião. A proposta de educação cristã surgiu como correção e esperança de superação para os seus adeptos e, diante da trajetória que conseguiram realizar, esse modelo de ensino encontra ressonância em todos os tempos, o que legitima a sua investigação.

Adotou-se como metodologia o estudo do texto fonte, considerando a relação dele com as circunstâncias do tempo histórico e da sociedade para quem Clemente Romano dirigiu seu texto. Dessa forma, é possível o acesso a uma série de conhecimentos, principalmente de fatos históricos que dão suporte significativo às análises do objeto de investigação, o fenômeno formativo. Diante disso, foram feitas

pesquisas e leituras de artigos e livros que auxiliaram para uma melhor compreensão dos aspectos da educação cristã na I Carta aos Coríntios de Clemente Romano.

A respeito da fundamentação optou-se em se analisar o objeto de estudo articulado ao processo de transformação da sociedade em que se insere, tendo-se em vista que “[...] as fontes foram e são condicionadas por fatores políticos, ideológicos, econômicos e tecnológicos, que restringem o seu acesso e uso pelos pesquisadores da História da Educação” (GONDRA; MACHADO; SIMÕES, 2017, p.248).

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram organizadas cinco seções. A primeira, a Introdução, tratou de sintetizar o objeto de investigação, os objetivos (geral e específicos), a justificativa, o método e metodologia, bem como elucidar breves considerações no que diz respeito à temática em análise.

Na segunda seção intitulada *Clemente Romano: o tempo, o homem e a defesa da fé cristã*, procuramos demonstrar a cidade de Corinto naquele período, a relação de Roma e Corinto e como era a dependência da população ao domínio romano. Também a investigação das origens de Clemente Romano, sua vida pregressa e o que autores contemporâneos dele informaram sobre ele.

Na terceira seção denominada *Clemente Romano e a I Carta aos Coríntios*, pesquisamos quais foram os motivos pelos quais Clemente Romano envia essa Carta da comunidade de Roma para a comunidade de Corinto e, por consequência, como foi realizada a estrutura da carta, com um resumo dos capítulos para se ter uma visão geral sobre ela.

A quarta seção, *O Caráter Pedagógico da I Carta aos Coríntios*, pretendeu discutir esta carta de Clemente Romano no que tange ao papel da família na educação e formação propostas para o ideal cristão, tendo em vista as alegações de Clemente Romano, sua instrução e como ele edificou o seu pensamento naquele contexto histórico, ao prescrever as virtudes necessárias ao ideal de homem cristão: amor ao próximo, humildade, fé, fraternidade, união e disciplina.

Na última seção, as Considerações Finais, a finalidade foi sintetizar as análises no intuito de apresentar as respostas dos objetivos desta dissertação. Nesse sentido, pode-se afirmar que os aspectos da educação cristã na I Carta aos Coríntios de

Clemente Romano perpassam a formação do homem cristão em toda a sua essência, pois são direcionamentos que se traduzem em um comportamento ideal.

2. CLEMENTE ROMANO: O TEMPO, O HOMEM E A DEFESA DA FÉ CRISTÃ

O cristianismo é um dos fenômenos mais originais da história porque propôs uma visão particular do mundo e do homem, cuja influência chega aos nossos dias. Imbuídos por uma promessa religiosa, materializada na pessoa de Cristo, os cristãos elaboraram uma proposta de salvação e uma compreensão que afirmava ser os homens filhos de Deus. Com base nessa proposta, os cristãos enfrentaram (e também dialogaram) outras visões determinantes de mundo, especialmente doutrinas gregas e o estoicismo romano uma vez que, nos primeiros séculos, eles se estabeleceram em cidades gregas e no Império Romano. Nesse caso, a compreensão desse momento exige o esforço do historiador, em particular o da educação, em refletir as fontes históricas, reveladoras da proposta de sociedade e de homem que foram elaboradas pelo cristianismo, frequentemente em oposição à aspectos da vida romana. E o faremos a partir de um dos mais significativos Padres Apostólicos, Clemente Romano.

2.1. A Presença do Cristianismo em Roma e em Corinto na época do Bispo Clemente Romano

Poucas civilizações despertaram tanto o interesse de estudiosos quanto a dos romanos e a dos gregos. Esses povos foram responsáveis por alterações que estabeleceram um modo de vida, de pensar e conviver que extrapolaram o tempo deles. No caso de Roma, desde suas origens (séc. VIII a.C.), ocorridas na península itálica, até à decadência por volta do século V da Era Cristã, seu legado tem sido explorado em muitos aspectos. E não é por menos: suas influências literárias, jurídicas, arquitetônicas e morais, por exemplo, ainda se fazem sentir mesmo passados mais de 2700 anos da fundação da cidade de Roma, entre as colinas do Velho Lácio. Muitos aspectos singulares são explorados por pesquisadores, interessados no modo como uma civilização alcançou vasta extensão territorial e nas formas políticas por ela organizadas. De fato, entre aristocracia e monarquia, entre

República e Império, Roma se consolidou como uma das civilizações mais importantes da história. Parte dessa trajetória alcança maior significado quando consideramos o aspecto religioso, seja da religiosidade própria dos romanos seja, sobretudo, em função do cristianismo, o que levanta muitas interrogações, entre as quais: como os cristãos se estabeleceram no Império? Porque o cristianismo, apesar de perseguições, foi recepcionado pelos romanos?

O cristianismo foi um fenômeno urbano assim como o Império romano era composto por cidades importantes, a exemplo da capital Roma, Pompeia e Herculano. Paulo de Tarso (5 – 67 d. C.) frequentemente é descrito, nos *Atos dos Apóstolos*, em suas viagens missionárias em regiões portuárias ou cidades da Ásia Menor, como é o caso de Antioquia (At. 13-14). Junto a seus discípulos, esteve presente na Síria e na Cilícia (At. 15, 23), na Grécia (At. 19) e em Roma (At. 27). As viagens dele dimensionam a extensão do cristianismo no primeiro século, em território romano, já que fundamentou as comunidades cristãs já estabelecidas. Também as cidades sugerem o fato de os romanos serem, essencialmente, uma civilização a partir do qual integrava as práticas agrícolas, as bélicas e a intensa vida urbana, rica pela arquitetura e vida cultural. Mas não era apenas isso. Outro aspecto singular se destaca: no século I d. C, as conquistas do Império Romano deram condições para realizar uma extensa dominação territorial que se estendeu por muitas regiões e séculos. A capital desse Império, Roma, era uma cidade que indicava o ciclo de expansão territorial e, como tal, representava o centro do mundo antigo. Mas ela também foi crucial para o início do Cristianismo, mesmo que tenha sido, às vezes, ofuscada por outros centros cristãos influentes no Oriente cristão, a exemplo de Antioquia, Éfeso, Corinto e Jerusalém. E era a cidade em que viveu Clemente Romano.

O Cristianismo era uma crença diferente dos cultos às divindades que havia na época, especialmente em Roma. Seus seguidores acreditavam em um só Deus, como os judeus, mas, ao contrário destes, os cristãos partiam da crença em Jesus Cristo. Informações sobre o seu magistério estão contidas na tradição apostólica e quase nada há de dados biográficos. Entretanto, essa crença, fundamentada em Jesus Cristo, partia do princípio de haver uma concepção de homem assentada na promessa de uma vida eterna. Para isso, cumpria realizar uma conversão pessoal e renovação moral para a instauração do que acreditavam ser o reino de Deus. Ele pressupunha a criação de um novo povo, um novo Israel, ideia que sugere a

instauração de uma comunidade diferente dos romanos, em razão da moral (escatológica) que pregavam (KOESTER, 2005).

Na efetivação dessa proposta, Thomas R. Martin (2019) entendeu que o cristianismo enfrentou muitos desafios para se estabelecer como religião. Primeiro porque, embora fosse herdeira, se firmou na condição de ser distinta do judaísmo e segundo porque, presente no Império Romano, os cristãos se movimentaram no sentido de afrontar os cultos romanos. Ao seguirem uma nova fé e não adotar a religião tradicional e ancestral, os cristãos formaram uma nova religião, o que pode ter provocado as perseguições que sofreram do poder romano, como a de Nero (37–68) em 64 ou 67 e a de Domiciano (51 – 96), por volta da última década do século I d. C. Tais perseguições, no mundo antigo, duraram até Constantino e somente acabaram quando a religião católica foi declarada oficial no Império Romano por Teodósio (347-395), em 380 d. C.

Contribuiu para a efetivação do cristianismo em território romano, as pregações e ações de Paulo de Tarso (51 - 67 d.C), herdeiro dos Apóstolos. Ele era um judeu-romano que, inicialmente, perseguiu os cristãos, mas, à doutrina deles se converteu. Segundo a tradição, numa viagem a Damasco, Paulo alega que teve uma visão em que Jesus conversou com ele, convencendo-o a deixar de perseguir os cristãos e tornar-se um seguidor da nova crença. Depois deste episódio, conforme narrado em *Atos dos Apóstolos* 9,3-19 e em *Gálatas* 1, 12.15s, ele se declarou convertido pela nova fé, e passou a ser um dos seus maiores divulgadores.

Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saul, Saul, por que me persegues”. Ele perguntou: “Quem és, Senhor”. E a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que deves fazer”. Os homens que com ele viajavam detiveram-se, emudecidos de espanto; ouvindo a voz, mas não vendo ninguém. Saulo ergueu-se do chão. Mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Conduzindo-o, então pela mão, fizeram-no entrar em Damasco (At 9, 3-8) (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1916).

Depois deste episódio, Paulo de Tarso iniciou a divulgação do cristianismo, fundando muitas comunidades ou atuando naquelas já consolidadas. Segunda a tradição foi ele, junto com Pedro, que estabeleceu a comunidade de Roma e onde

também morreram, provavelmente na perseguição de Nero. Na ação divulgadora da mensagem de Jesus Cristo, Paulo de Tarso contou com alguns colaboradores, a exemplo de *Timóteo* (*Carta aos Coríntios*, 1, 1), Pedro (*Carta aos Gálatas*, 2, 11-14) e Clemente. No caso específico do último, segundo referendado na Carta aos Filipenses 4,3, mas não se tem provas de que este Clemente foi o mesmo Clemente Romano, Bispo de Roma no final do século I d. C.

Rogo também a ti, Sizigo, fiel “companheiro”¹, que lhes prestes auxílio, porque me ajudaram na luta pelo Evangelho, em companhia de Clemente e dos demais auxiliares meus, cujos nomes estão no livro da vida (Fl 4, 3).

Essa expressão evidencia o fato de que o cristianismo frutificou a partir de esforços organizados e coletivos. Os *Atos dos Apóstolos* revelam os traços das ações e lugares a partir dos quais as comunidades se instalaram no primeiro século da era cristã. No caso do Império Romano, a nova religião se difundiu rapidamente, embora não envolvesse grande número de adeptos. Ela não se sobressaia entre os muitos cultos ditos orientais levados de um lugar para o outro por imigrantes e comerciantes. O fato é que em pouco tempo ela se tornaria não só a religião dominante do Império, mas também a única que gozava da proteção imperial (SOUZA, 2009), sobretudo quando se considera, no século IV, a aceitação imperial do cristianismo e a liberdade de culto que passou a gozar. Nesse momento, a igreja é beneficiada pela política romana, apesar da longa trajetória de perseguições sofridas, o que favorece sua difusão no mundo antigo.

É verdade que é preciso ponderar e problematizar as razões pelas quais o cristianismo se tornou um fenômeno universal, o que não é o propósito aqui. Mas é necessário pontuar que os cristãos manifestaram uma capacidade de organização de seu espaço religioso, concebido como universal e, também, a de instaurar uma concepção de homem assentada numa relação do indivíduo como sagrado, a partir de uma dimensão bem pessoal. Com efeito, no cristianismo, diferente de outras religiões helenísticas, todos são elevados à condição de irmandade, princípio construído a partir da noção de que todos são filhos de Deus. Também é importante entender que os cristãos parecem ter se estabelecido com a ideia de que seu espaço

¹ Sizigo – significa “colega”, “companheiro”. Jogo de palavras com o nome Onésimo (Filemom 10- 11).

não se limitava a um culto doméstico, a uma *polis*, a uma cidade ou região: em sintonia com os princípios de impérios universais, os cristãos pretendiam alcançar todas as dimensões do mundo conhecido, a exemplo de Corinto.

Para além da presença cristã em Roma, ela também se fez presente em Corinto. Ali se estabeleceu uma importante comunidade cristã, para quem foram endereçadas importantes cartas, a exemplo das redigidas por Paulo e por Clemente Romano. Corinto era uma cidade importante, que se destacava pelos quatro portos a partir dos quais atraíam cidadãos de várias regiões, interessados nas atividades comerciais. Esse intercâmbio de estrangeiros, foi favorável ao desenvolvimento da navegação e, também, do cristianismo. Corinto, assim como as cidades da região, era a personificação da cultura e seu espaço urbano oferecia um estilo de vida que combinava o desenvolvimento da atividade pública e amenidades urbanas, a exemplo do teatro, das termas, entre outras coisas. Seu estilo romanesco, apesar de estar na Grécia, reproduzia as estruturas e o modo de vida dos romanos, já que por eles foi destruída (II a. C) e reconstruída (44 a. C) por Júlio Cesar (NASCIMENTO; SELVATICI, 2017).

O fato a considerar, entretanto, é a importância da cidade para os cristãos. Da mesma forma que o cristianismo foi inserido em Roma, em Corinto não foi diferente, pois Paulo de Tarso fundou uma comunidade quando ficou nesta cidade em atividade missionária por dezoito meses (At 18, 11), de 50 a 52, conforme já mencionado. Ele recebeu apoio de colaboradores nesta empreitada, entre os quais Timóteo e Silvano. De acordo com relatos dessa atividade nas cartas de Paulo aos Coríntios, ele se estabeleceu em Corinto, capital da província de Acaia, a fim de conclamar os cristãos que lá viviam para uma maior unidade ao mesmo tempo em que procurou agregar mais pessoas que o auxiliaram a instaurar comunidades tanto na capital de Acaia, Corinto, quanto em outras cidades vizinhas (KOESTER, 2005).

De acordo com Altaner e Stuiber (1988), a presença de Paulo de Tarso nessa comunidade foi motivada pelas contendas naquela Igreja. Alguns membros mais jovens da comunidade se haviam rebelado contra a autoridade dos presbíteros, expulsando-os de seus ofícios. Quando a Igreja de Roma teve conhecimento do sucedido, dirigiu uma Carta a Corinto na tentativa de resolver o problema. Em síntese, o fato de enviar cartas para uma comunidade a fim de resolver seus problemas, evidencia que a construção e estabelecimento do cristianismo foram conflituosos, pois

tiveram que tratar não apenas de divergências teológicas como também disputas internas pelo controle das comunidades. É provável também que os conflitos aludidos, principalmente nos textos paulinos, estivessem ligados à diversidade dos que frequentavam as comunidades. Tal como Paulo de Tarso escreveu na Carta aos I Coríntios (1, 26): “Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebeste o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa”. Essa observação, nos permite considerar que havia diferentes grupos tanto com *status* social superior, como inferior (GIDALTI, 2015, p.71), o que poderia ser motivo de contendas.

Clemente Romano também escreveu uma carta aos Coríntios, provavelmente em 92 d. C, em razão desta comunidade se encontrar em situação de dissensões internas. A causa disto parece ter sido motivada pela disputa entre jovens e anciãos sobre o ordenamento religioso e político daquela comunidade. Nessa carta, ele comenta sobre outras epístolas escritas por Paulo e ainda mencionou sobre a morte dele e de Pedro, ocorridas, segundo Clemente Romano, por ciúmes e inveja. Essa situação corrobora com o conhecimento que Clemente Romano tinha dos seus antecessores e os compreendia como exemplos a serem seguidos.

Quanto ao comportamento dos cristãos em Corinto, na visão de Clemente Romano, este acreditava que havia falhas que causaram as brigas e que poderiam levar a comunidade à queda antes de estar estabelecida. Clemente Romano citou “uma rebelião alheia e estranha aos eleitos de Deus, indecorosa e sacrílega, que algumas pessoas temerárias e audazes, estimularam a um tal grau de falta de senso” (I CLEM., I, 1) presente na comunidade, que considerou pior que as facções de Paulo, Cefas e Apolo, citados por Paulo de Tarso na Carta aos Coríntios. Em face disso, Clemente Romano alegou que estes eram pregadores escolhidos para os cargos, enquanto os de Coríntios ainda estavam no início de uma associação religiosa e não poderiam ter condutas controversas (NASCIMENTO; SELVATICI, 2019). A preocupação dele era com a unidade da religião na comunidade coríntia, por isso apela para modelos exemplares contidos no Antigo Testamento e nos exemplos pagãos, como veremos ao examinar sua carta na terceira seção. A recorrência à unidade levava os representantes da igreja a primar pelo ordenamento dos seus adeptos e dos coordenadores em seus cargos. Na medida em que as lideranças

cometiam erros, eram transferidos de local para que não afetassem o prosseguimento das transmissões das mensagens e ritos cristãos.

Assim, ao nos defrontarmos com o contexto em que vivia Clemente Romano em Roma e o início da nova religião cristã nas comunidades que foram fundando, a exemplo de Corinto, podemos constatar que foi um período de muitas mudanças para os cristãos que viviam na sociedade romana. As condições de mudanças da sociedade romana e dos cristãos podem ser compreendidas quando o historiador, em particular o da educação, escrutina as fontes daquele momento em busca dos elementos que permitem compreender os modos pelos quais o cristianismo atuou. Além disso, não somente a maneira como agiram para construir a religião que acreditavam, mas, sobretudo, a compreensão de homem que defenderam e reproduziram no magistério dos fiéis e nos textos que redigiram e que é de nosso conhecimento. Além do mais, eles contribuem para o entendimento de um momento histórico singular porque revelam as práticas utilizadas pelos cristãos e o empenho deles na formação instrucional do novo homem que se apresentava naquele momento. Por outro lado, aquela era a maneira pela qual a comunicação acontecia, de modo a transmitir informações relevantes que possibilitaram construir o perfil de sociedade e de homem segundo a doutrina cristã. A tradição posterior reconheceu os primeiros escritos cristãos, não como tratados de filosofia, mas como instrumentos doutrinários com o objetivo de construir a fé cristã e esse conjunto de autores e escritos são, hoje, chamados de Padres Apostólicos.

2.2 Os Padres Apostólicos

Segundo Quaesten (1968) são chamados Padres Apostólicos aquele grupo de escritores cristãos que compreende o período entre os séculos I e II, cujos ensinamentos podem ser considerados como ecos da pregação dos Apóstolos, dos quais muitos desses Padres conheceram pessoalmente. É o que chamamos de igreja primitiva, um conceito inexistente naquele período. O fato mais importante a considerar, entretanto, é o de que os escritos desses Padres têm caráter pastoral, no entendimento de Quaesten (1968). Seu conteúdo e estilo estão profundamente

imbuídos pelo Novo Testamento, portanto, são contemporâneos a eles e, como tais, são ricos em elementos que possibilitam problematizar e entender a construção do cristianismo no primeiro século. É o caso de Clemente Romano, que viveu no século I d. C. Eusébio de Cesareia, em sua *História Eclesiástica* (III, 10, 15) o situou como o terceiro bispo da Igreja Cristã, após Lino e Anacleto. É autor do primeiro documento escrito no mesmo período ou após os Evangelhos e às Cartas de Paulo de Tarso. Eusébio de Cesareia (Hist. Ecl. III, 10, 16) faz menção a ela, mas sem oferecer maiores detalhes de seu conteúdo, apenas atesta sua autenticidade.

Conforme Hamman (1995), esses primeiros escritos cristãos pertencem mais a um conjunto literário, pois são cartas de autores com várias finalidades, o que caracterizou um vínculo entre uma comunidade e outra, entre pastor e fiéis. Escreviam desde informações cotidianas à exortações com a finalidade de instruir ou animar as comunidades. Essas primeiras cartas foram redigidas por bispos e por chefes de comunidades de origem principalmente paulina. Esses primeiros escritores, que são estudados pela Patrologia², são denominados de Padres Apostólicos, que recebeu esta designação em função de terem sido dirigentes da igreja e por inspiração nos personagens do *Antigo Testamento*. Em relação a esse conceito de pai, temos que na significação comum, pai é conhecido como genitor e mantenedor da família, a quem importa a guarda, a direção e os encaminhamentos na vida e na fé. No âmbito romano, o *pater familias* era o sacerdote do culto doméstico (DROBNER, 2003). Ao que parece, essa é uma tradição que remonta à ideia da relação entre a figura paterna e o aspecto religioso, como demonstrou Fustel de Coulanges (2004), quando estudou essa tradição e apontou a condição do pai como aquele que representa a descendência.

Entretanto, o aspecto mais relevante é o de considerar o fato de o nome padre significar, por assimilação, a um padre/pai em sentido figurado, a um “padre espiritual”. Este é entendido como aquele que educa, ensina e proclama o Evangelho, da mesma maneira que orienta e dirige a comunidade. Mas até o século IV d. C., o título de padre é destinado apenas aos bispos e depois foi aplicado aos presbíteros, sacerdotes e

² Patrologia é a exposição e o estudo ordenado da vida e das obras dos Padres da Igreja e, de acordo com Insuelas (1943, p. 10), “convenientemente entendida, é um ramo da História Eclesiástica, que trata de uma parte da antiga literatura cristã, deixando para outro campo os livros inspirados do Novo Testamento.

diáconos. Os padres eram considerados os depositários das promessas e garantias que foram pactuadas com Deus, portanto, assumem a condição de mediadores entre os fiéis e as verdades consideradas divinas. Apesar disso, no entendimento de Ropero (2004), havia um conflito de consciência em virtude de uma advertência bíblica que afirmava: “Não chameis padre a nada na terra, porque um é vosso Padre, aquele que está no céu” (Mt 23:9). Em relação a esse tratamento verifica-se que os cristãos teriam que considerar como pai apenas Deus no céu e o próprio pai na terra e mais ninguém. Mas, mesmo com essa advertência bíblica, a tradição assumiu a qualificação de Pai e/ou Padre para os dirigentes da Igreja. Eles são, portanto, aqueles que estão no seio da Igreja e são disseminadores da mensagem cristã. Assumiram para si a missão de ensinar/formar os fiéis que estavam sob sua responsabilidade.

Na compreensão de Insuelas (1943), para que esses escritores fossem considerados Padres da Igreja, foram estabelecidos quatro requisitos: o primeiro é o da ortodoxia doutrinal; o segundo, a santidade de vida; o outro a aprovação da Igreja; e, por fim, a antiguidade. Entretanto, não são todos que atendem a esses requisitos, o que não impede que alguns deles, fora dessa perspectiva, sejam considerados eclesiásticos, pela contribuição que prestaram à Igreja, a exemplo de Tertuliano (160 d. C – 220 d. C.), que rompeu com a Igreja Católica e passou a ser montanista³, mas ainda foi e é considerado um dos mais originais escritores eclesiásticos (ALTANER; STUIBER, 1988).

Outra maneira comum de se referir aos escritores cristãos dos primeiros tempos é de chamá-los de apostólicos. Assim são considerados porque tiveram contato direto com os Apóstolos, embora nem todos sejam considerados discípulos diretos. Desse modo, Padres Apostólicos foram escritores e ou escritos que datam do fim do século I ou da primeira metade do século II, que continuaram o ensino dos Apóstolos de Jesus e da literatura sagrada dos livros do *Novo Testamento* (INSUELAS, 2004). Como alguns destes padres apostólicos temos Inácio de Antioquia (? – 110 d. C.), Policarpo de Esmirna (? – 156 d. C.), Pápias de Hierápolis (viveu na primeira metade do século II), dentre outros.

³ Montanista: Montano e seus adeptos espalharam desde 170 d. C. mais ou menos, a profecia do iminente fim do mundo, incitando à preparação imediata para a volta de Cristo. Encontraram, no entanto, forte oposição, em especial da parte de sínodos, que são, aliás, os primeiros de que temos notícia (ALTANER; STUIBER, 1988, p. 116).

O conjunto dos textos desse momento, possibilitam, na medida do possível, compreender como foi a vida das primeiras comunidades cristãs, bem como os modos pelos quais aconteceu a propagação do ensino da doutrina que as caracterizam. Igualmente, a maneira como os cristãos, na ausência dos Apóstolos, foram responsáveis por comunicar como se comportaram os cristãos quando não havia mais os testemunhos oculares de Jesus Cristo. Os Padres Apostólicos deixaram uma literatura que demonstra a estima atribuída por eles aos escritos do Novo Testamento. Escritos canônicos ou não eles são tidos como normativos nas comunidades cristãs, por isso, importantes recursos para entender a construção do cristianismo (ROPERO, 2004).

A contribuição dada por Lamelas (2001) a respeito desses Padres, refere-se ao fato de que indica o surgimento da expressão Padres Apostólicos, ao esclarecer que essa denominação foi utilizada pela primeira vez, por J. B. Cotelier, que sob o qualificativo de *Patres aevi apostolici*. Cotelier, reuniu em dois volumes publicados em 1672, vários escritos sem autores e alguns escritores, dos quais não sabemos a biografia e, com o tempo, foram acrescentadas outras coletâneas.

Dentre muitos desses escritos, alguns exemplos são bem conhecidos por estudiosos do cristianismo primitivo. Esses textos oferecem informações importantes sobre o surgimento, a doutrina e mesmo as contradições internas do cristianismo, entre os quais temos a *Didaqué*, *Ignácio de Antioquia*, a *Carta de Barnabé*, a *Carta de Papias*, entres outros:

A Didaqué é um manual de regulamentos comunitários. A Carta aos Coríntios de Clemente Romano (*IClem*) é uma intervenção da igreja de Roma na crise de outra comunidade, apoiando a estruturação hierárquica no princípio da sucessão apostólica. As cartas de Ignácio de Antioquia testemunham a solidariedade entre as igrejas e a responsabilidade de um bispo frente a cisma e a heresia. A *Carta de Barnabé* é um tratado sobre a interpretação cristã do Antigo Testamento dirigido a cristãos atraídos pelo judaísmo. O *Pastor de Hermas* é um livro apocalíptico com uma mensagem de penitência para a igreja. A *Carta de Policarpo* e a carta de Papias, são marcos da teologia asiática e com um interessante testemunho sobre os evangelhos (TREVIANO, 1994, p. 5).

Dessa maneira, o mérito desses textos reside no fato deles serem propagadores da nova crença que se expandia, sobretudo no interior do Império Romano. O público-alvo das exortações eram as lideranças das comunidades, a partir

das quais as instruções eram-lhes oferecidas. O cristianismo, por sua vez, parece defender uma posição mais ampla pois pretendia atrair a todos, e seus adeptos eram pertencentes tanto à parte desfavorecida da população, que seria a mais necessitada de acolhimento, bem como atuou para converter os setores mais privilegiados da sociedade romana. O fato é que fica latente a premência em escrever para todos os públicos, de maneira a conseguir mais adeptos à nova fé. A possibilidade mais comum em atingir uma generosa parcela da população seria escrever de forma compreensível e adequada aos seus fiéis, por isso, as cartas privilegiam modos exortativos e instrutivos. Os Padres Apologistas precisavam alcançar o reconhecimento do Estado à nova crença e findar com as perseguições das quais os cristãos eram vítimas constantes. As perseguições sempre existiram, desde o século I ao século IV d.C., mas entre estas havia períodos em que os cristãos conseguiam prosseguir na evangelização sem serem importunados ou afrontados, tudo dependia do Imperador que estava no poder. Como as já mencionadas perseguições de Nero e Domiciano, no Século I, esta última, na época de Clemente Romano.

Muitos desses escritos privilegiaram a língua grega, o *Koiné*, a vertente mais comum na época, como foi a opção de Clemente Romano, que escreveu em grego, pois era a mais utilizada nas regiões dominadas pelo Império Romano do que o latim, língua oficial romana, como afirmou Daniel-Rops (2014, p. 118): “[...] em todo o império romano, as pessoas só se entenderão se possuírem o conhecimento de uma única língua, o grego”. O Latim, que somente dominará no Ocidente a partir do século III d. C., era a língua utilizada pelos exércitos e pela administração. Alguns autores romanos tentaram defender essa influência grega e manterem a identidade do povo romano, como Catão (234 a. C – 149 a. C), que considerava um perigo para a sociedade romana a marcha vitoriosa da cultura grega e Cícero (106-46 a. C.) que também era a favor do latim, como língua oficial no Império Romano (ROSTOVTZEFF, 1986).

A língua grega foi a que prevaleceu nos Evangelhos, com exceção do evangelho de Mateus, que recorreu ao aramaico, provavelmente pelo bom trânsito desta língua entre judeus e árabes, e porque era a língua utilizada por Jesus Cristo. Assim se justifica o uso da língua grega pelos propagadores das chamadas promessas de Cristo, uma vez que era a língua helênica, na época, mais falada que o hebraico, o aramaico ou o latim (SPINELLI, 2015), o que facilitou a disseminação e

propagação da nova crença. Clemente Romano é conhecido como um desses padres apostólicos pré-nicenos, que escreveram antes do Concílio de Nicéia⁴ (325 d. C.). A mensagem que esses padres nos concedem, especialmente Clemente Romano é o interesse particular na Igreja, pois concentram toda a atenção para a vida interna da Igreja e não tanto no mundo externo. A Igreja cristã era a nova realidade que surgia para o mundo antigo e era tida por incomum, desconhecida. Em face às circunstâncias apresentadas, Clemente Romano destaca a unidade da Igreja e o amor recíproco para com todos, condição que os fiéis deveriam praticar. As Cartas geralmente têm um conteúdo doutrinário que reforçam os preceitos basilares da mensagem cristã: “Clemente é um verdadeiro testemunho da fé da Igreja, não é um teólogo, mas sim um intérprete da fé” (CASTELLARO, 2015, p. 213).

De Clemente Romano existem outras Cartas que a ele são atribuídas, entre as quais as denominadas: *II Carta Clementina* e as *Pseudoclementinas*. A Epístola apelada de *II Carta Clementina* não é considerada de Clemente Romano, pois na realidade é tida como a mais antiga homilia conservada até hoje. Datada do segundo século, por volta de 150, ela foi endereçada para uma comunidade ortodoxa, na qual algumas tradições gnósticas fizeram presentes (TREVIANO, 1994). No entendimento de Treviano (1994), o fortalecimento da corrente gnóstica (o partido Apolo) desde o tempo de Paulo, teria levado os partidos de Cefas e de Paulo a se reconciliarem ou se unirem como "ortodoxia". Os ortodoxos, como representantes do passado, controlavam as rédeas da comunidade religiosa cristã; mas eram cada vez em menor número. Alguns destes (47,6) gnósticos⁵ decidiram tentar impor a mudança de orientação deslocando os líderes anteriores argumentando sobre a ressurreição (23-27). Mas não há gnosticismo nos tempos de Paulo, nem na I Carta de Clemente

⁴ Concílio de Nicéia (325 d. C.) – concílio ecumênico da Antiguidade, convocado por causa das afirmações de Ário, segundo as quais Cristo foi “criado”, afirma que o Verbo encarnado é da mesma substância (*homoousius*, “consubstancial”) que o Pai, Deus nascido de Deus (HAMMAN, 1995, p. 89).

⁵ Gnósticos - Gnose, termo grego que significa conhecimento. O judaísmo usava o termo no sentido mais da experiência do que conhecimento intelectual. Para Clemente de Alexandria, “gnose é a inteligência do Evangelho”. Irineu de Lion subscrevia essa definição, reservando, porém, à Igreja, a verdadeira gnose. Mas a Igreja é forçada a se definir em relação à falsa gnose, gnosticismos que são doutrinas de intelectuais mal convertidos que afluem para a Igreja em grande número por volta de 120-130 d. C. (HAMMAN, 1995, p. 40). O Gnosticismo são sistemas heterodoxos que professam um dualismo radical entre o mundo dos espíritos e o mundo dos corpos e afirmam a pretensa revelação de emanações a partir de Deus bom e de um princípio mal (este último mais ou menos identificado com a matéria), que chegam ao mundo atual p.36).

Romano, no qual seu discurso sobre a ressurreição atesta que o atraso da Parusia é a consequência da crise na fé escatológica (2 Pe 3, 4).

A esse respeito, Drobner (2003) oferece descrições dessa II carta informando que ela é um discurso de exortação, pronunciado depois de uma leitura durante a liturgia.

Para ele, a carta alinha 20 parágrafos, não claramente articulados, diversos exemplos e argumentos, que exortam a seguir os mandamentos de Cristo: em compensação pela ação redentora de Cristo, com os olhos dirigidos para o futuro, comparando a vida a uma competição, por causa da limitada possibilidade de penitência, por amor aos bons frutos da obediência, etc (DROBNER, 2003, 65).

As outras cartas que foram atribuídas a Clemente Romano são as *Pseudoclementinas* e a *Ad Virgines*, reunidas em uma única obra e, conforme a tradição, foram redigidas apenas no século III d.C. Elas, de acordo com Altaner; Stuibler (1988, p.57), “são narrativas romanescas sobre os apóstolos, onde Clemente relata acontecimentos por ele presenciados como companheiro de São Pedro, pertencem, portanto, às narrativas apócrifas a respeito dos apóstolos”. Sobre esses documentos, podemos ter uma pequena amostra do seu conteúdo por meio de outro autor, que as descreveu como uma série de homilias, de conteúdo judeu-cristã e anti-paulino:

também se atribuíram a Clemente umas *Cartas ad Virgenes* e a chamada literatura *pseudoclementina*: uma série de homilias, correspondência fictícia e novela de aventuras (*Recognitiones*). Obra completa e que tem sido muito estudada. Dado seu pronunciado judeu-cristianismo e antipaulino, tem servido de base tanto para conhecer uma corrente judeocristiana marginal e tardia bem como de reconstruções audazes sobre o papel do movimento ebionita⁶ na origem do cristianismo (TREVILJANO, 1994, p.15).

Apesar dessas informações sugerirem outros escritos, o mais provável e aceito pela historiografia contemporânea, é reconhecer apenas a *I Carta de Clemente Romano aos Coríntios* como autêntica (DANIEL-ROPS, 2014). Nela, seu autor

⁶ Ebionita: seita judaica que seguia o Antigo Testamento e acreditava que Jesus nasceu de Maria e José, vindo ao mundo como um profeta e não como filho Deus. Remanescente grupo de nazarenos que se recusavam a aceitar o bispo latino. Espalharam-se pelos povoados próximos de Damasco e fundaram uma pequena igreja na cidade de Boreia, hoje se chama Alepo, na Síria. Essa denominação de Nazarenos era muito honrosa para eles e, devido à precariedade de conhecimentos, foram chamados de ebionitas (GIBBON, 2012, 17).

demonstra a preocupação formativa com o homem cristão para atender às necessidades de seu tempo. Reprovava atitudes que considerava indevidas e salienta o padrão comportamental aceitável ao cristão. Em seu magistério pastoral, como prosseguidor e fomentador do legado dos apóstolos, Clemente Romano procurou dar orientações doutrinárias e comportamentais à igreja primitiva e as virtudes elencadas e defendidas como prioridade para os novos cristãos.

2.3 Clemente Romano, suas origens

São precárias as informações biográficas de Clemente Romano. Eusébio de Cesaréia (2005), historiador, se limita a afirmar que ele possivelmente tenha sido colaborador de Paulo de Tarso, na carta aos *Filipenses* (Fl, 4,3), porque neste versículo menciona um tal Clemente como seu companheiro. Também fixa o início do pontificado entre o reinado de Domiciano (51 d.C.- 96 d. C.) e o de Trajano (98 d.C.- 117 d.C.), isto é, entre 92 d.C. a 101 d.C. Irineu de Lião (*Adv. Haer.* III, 3,3), no texto *Adversus Haereses* (Contra Heresias) informa que ele viu os próprios apóstolos e manteve relação com eles. Afirma, ainda, que “ele guardava viva em seus ouvidos a pregação deles e diante dos olhos a tradição”. Também afirma que seu pontificado foi marcado por conflitos na igreja de Corinto, havendo ali divergências graves entre os irmãos daquela comunidade. Irineu de Lião (*Adv. Haer.* III, 3,3) reforça o fato de que foi enviada uma carta – provavelmente a de Clemente – para reafirmar a unidade da igreja e a fé num único Deus, assim como estimular a conhecer a tradição apostólica da igreja porque alguns pregavam outro Deus superior.

De fato, tais informações sugerem que a construção da igreja não ocorreu de maneira pacífica, mas que enfrentou adversidades, seja por motivos doutrinários seja porque estavam inseridos numa sociedade que não era cristã, a romana. A esse respeito, Werner Jaeger (2014) alerta para o fato de que um grupo – sem especificar qual – em Corinto havia recusado a reconhecer a autoridade de seu bispo e a igreja estava em desacordo. Em face dessa situação, Clemente Romano, Bispo de Roma, dirige-se aos coríntios como representante da igreja que desfrutava da maior autoridade. Essa condição, demonstra o prestígio de que gozava e a autoridade que dispunha de modo que Jaeger (2014) afirmou que ele dispunha a seu favor a arte da

retórica de modo a provar, por meio de muitos exemplos, os efeitos trágicos da disputa de facções e da desobediência. Mas quem era esse homem?

As circunstâncias de seu nascimento e origens familiares são obscuras. Nem Eusébio de Cesareia e nem Irineu de Lião mencionam alguma coisa sobre esse assunto. São Jerônimo (15, 2018), no seu *De viris Illustribus* (Os varões Eclesiásticos Ilustres) se limita a informar sobre os escritos dele e menciona a morte, por martírio⁷, no terceiro ano de Trajano (ano 100 d. C.). O que se sabe foi que viveu em Roma, com um nome latino e tendo o grego como língua materna. Ele poderia ser um liberto de um cidadão romano, uma vez que os libertos poderiam ter o prefixo ou *praenomen* ou *cognomen* de seus antigos senhores, não havendo lei que os impedissem (JEFFERS,1995). Ou Clemente teria sido um dos escritores mais venerados da antiguidade cristã? Modernamente se tentou identificá-lo com um primo do imperador Domiciano, mas essa informação é pouco provável (RUIZ BUENO, 2002).

Em relação a essa identificação de Clemente Romano com a pessoa do Imperador Domiciano (51 d. C – 96 d. C.), o fato é que na época esse imperador comandava o Império Romano. A dinastia dos flavianos se iniciou com Vespasiano (9 d. C. - 79 d. C), que foi sucedido por seu filho Tito (39 a. C – 81 d. C.). Domiciano era o segundo filho de Vespasiano que assumiu o governo do Império Romano, no final do século I d. C. Flávio Clemente, cônsul e primo de Domiciano, e sua esposa Flávia Domitila, eram membros da *gens flavia*⁸ e se converteram à nova crença, a religião cristã, juntamente com seus dois filhos. Estes meninos eram herdeiros do imperador Domiciano, cujo mandato foi de 81 d. C a 96 d.C. Em razão desta conversão, essa família foi condenada à morte por Domiciano (ROPS, 2014).

Assim, não se sabe ao certo se Clemente Romano pertencia aos flavianos ou foi um liberto dessa família imperial, em virtude de ter o mesmo nome deste primo do Imperador Domiciano. A esse respeito, Lightfoot (1869) partiu do princípio de que

⁷ [...] o sentido do martírio cristão foi enriquecido pela Igreja Primitiva a partir dos elementos apresentados no NT, de modo que testemunhar a ressurreição é algo que pode ser vivido por qualquer cristão em qualquer tempo, pois se trata de viver uma experiência da ressurreição, isto é, os cristãos por meio da fé, participam da ressurreição de Cristo e, conseqüentemente, não têm medo da morte, morte esta que pode ser uma consequência dessa fidelidade a Jesus Cristo, e, nesse caso, um martírio (GIANDOSO, 2016, p. 103).

⁸ Gens Flavia: A sociedade romana arcaica, sociedade rural, de origem patriarcal, é formada por clãs ou *gentes* cujos membros se consideram descendentes de um antepassado comum. *Gentes* dá origem mais tarde a *familiae*. Por isso a dinastia romana do império denominada flaviana que foi de 69 a 96 d. C. reinaram Vespasiano e seus filhos Tito e Domiciano (GRIMAL, 2020, p.336).

Clemente Romano seria um membro da família imperial e sugeriu que o autor da *Carta de Clemente Romano aos Coríntios* foi um antigo escravo de Flávio Clemente, tendo como base a semelhança de nomes. Entretanto, faltam evidências seguras dessa hipótese, pois a mera coincidência de nomes não é prova consistente entre Clemente Romano e outro romano qualquer. O que se pode alegar é que Domitila, esposa de Flávio Clemente, foi simpatizante cristã, já que há evidências da arqueologia de que a igreja doméstica de Clemente Romano, situada em Roma, está localizada numa propriedade que pertenceu aos Flavianos (JEFFERS, 1995, p. 53).

Portanto, existem muitas lendas a respeito de Clemente Romano, as quais almejam desvendar as origens desse escritor, mas nada que possa ser afirmado com segurança. Para Cowper (1867) Clemente Romano poderia ter pertencido a uma família romana nobre e educado em Atenas. Sua conversão ao cristianismo poderia ter sido provocada pelo cansaço e decepção que acompanharam suas investigações sobre a natureza e imortalidade da alma. O cristianismo teria oferecido a Clemente Romano uma explicação que em vão tinha procurado em outras doutrinas. É possível que teria sido banido para a Criméia e sofrido martírio por afogamento. O fato é que essas histórias a respeito de Clemente Romano vêm sendo propagadas por alguns autores, mas não apresentam comprovação histórica. Elas servem apenas como informações do ideário comum que se disseminaram por séculos a respeito dele e dos valores que o acompanham.

Por exemplo, Roque Frangiotti (1995) oferece alguns elementos importantes que contribuem para definir suas origens, o modo como agiu e as influências que recebeu. Para ele, Clemente Romano invoca os exemplos do AT e os vai desfilando em passagens mais importantes, próprias para reconduzir os coríntios à paz, à concórdia, à humildade e à obediência. De fato, Clemente Romano pareceu depender estreitamente do judaísmo helenístico. Destacaram-se, ainda, em sua Carta, empréstimos e citações de Eurípedes e de Sófocles (poetas trágicos gregos). Por outro lado, a ausência de toda alusão aos problemas judaicos e nenhuma discussão sobre o legalismo judaico (sábado, circuncisão), são os principais argumentos contra sua origem judaica.

Em contrapartida, há quem defenda com mais veemência o fato dele ter origem judaica. É o caso de Withrow (2005) que afirma encontrar em sua carta características de um judeu helenizado. Ele ressalta que o bispo Lightfoot (1869) elencou muitos

paralelos sugestivos entre a oração do final da Carta e a oração judaica denominada *Shemoneth 'Esreh'*, as "dezoito bênçãos". O fato de apresentar semelhanças desta oração judaica em sua carta pode induzir a pensarmos que Clemente Romano tenha crescido nos ensinamentos do judaísmo.

A interpretação de Cowper (1867) destaca alguns aspectos singulares a respeito do testemunho de Clemente Romano. Para ele, o pensador cristão sempre menciona as Escrituras no sentido de apelar para ela como condição decisiva em todas as questões discutidas. Os Textos Sagrados são considerados como autoridade final na qual não há mais outra apelação. Além disso, Cowper (1867) destaca o fato de que os Evangelhos e epístolas são apelados com reverência e submissão por um homem que mantinha relações de amizade com seus escritores; e as Igrejas de Roma e Corinto reconhecem e se submetem a essa reivindicação em seu nome. Ao ressaltarmos a importância da Escritura para Clemente Romano, consubstancia-se uma influência recebida durante a sua formação moral e instrucional, pois, provavelmente, aprendeu todas as histórias e ensinamentos do Antigo Testamento, como se verifica em toda a carta. Clemente Romano conhecia as histórias bíblicas, bem como normas e preceitos que emanam como princípios inspirados por Deus. A Escritura é a autoridade final para os judeus e assim ele também a considerava.

Os estudos realizados por Jaeger (2014) procuraram destacar outro aspecto do pensamento de Clemente Romano. Segundo ele, esse bispo da igreja sempre fazia derivar suas normas de comportamento humano e social das normas divinas do universo, que eram chamadas de natureza. Além do mais, recorreu à tradição da *paideia* clássica para justificar uma concepção orgânica de sociedade, que ele assume do pensamento político grego que, em seus escritos, assumiu um significado quase místico quando ele a interpreta, à maneira cristã, como a unidade no corpo de Cristo. Na interpretação de Jaeger (2014) ele recorreu, igualmente, às tragédias gregas, entre as quais a de Eurípides ou Sófocles. Se no Ajax (158), de Sófocles, Clemente Romano reconheceu o princípio de que os grandes não podem existir sem os pequenos, e os pequenos sem os grandes, no autor de Aiolos (21) buscou o pressuposto de que isso acontece porque há uma mistura própria de todas as coisas, o que, na compreensão de Jaeger, torna o seu uso possível.

Suas descobertas são importantes para nossa tentativa de determinar a presença de uma tradição viva da *paideia* grega na comunidade cristã de fala grega em Roma. Era de fala grega porque foi formada por judeus helenizados desde o começo até o fim do século I, e talvez por mais tempo que isso. Assim, podiam oferecer aos coríntios sua crítica cristã na linguagem de sua educação clássica. Isso não era somente uma questão de estilo, mas levava implícita a generalidade teórica do método intelectual aplicável a qualquer problema, que é a marca distintiva da *paideia* grega (JAEGER, 2014, p. 30).

O propósito de Clemente Romano parece ser o de considerar o antigo conceito (grego) com um novo espírito propriamente cristão, com a finalidade de organizar a nova crença como formação e instrução dos novos adeptos. Clemente Romano cresceu nesse ambiente e se apropriou de sua cultura para ser convincente em seus ensinamentos. Nesse caso, a língua grega e a forma filosófica de pensar eram recorrentes em sociedade helenizadas onde o cristianismo se estabeleceu e, portanto, não poderiam justificar suas crenças de outra forma, que não a de se comunicar na mesma linguagem. Em sua preocupação com a formação do homem cristão, conforme expressa em sua *I Carta aos Coríntios*, fez dela o primeiro a comentar sobre uma *paideia cristã*, segundo já destacado por Pereira Melo (2012), em seu artigo sobre Clemente Romano, a partir do qual destaca a flagrante inspiração do conceito de *paideia*:

Em termos de concepção educacional, também fica clara a identificação de São Clemente Romano com a cultura clássica, especialmente quando ele menciona a necessidade da efetivação de uma *paideia* cristã – *Christó paideia*. Neste caso, é flagrante a inspiração do conceito grego de *Paideia*. Desse modo, o conceito apareceu pela primeira vez, entre os cristãos, nessa carta de São Clemente Romano (Pereira Melo, 2001). Ao afirmar a necessidade de que “[...] participem nossos filhos de educação em Cristo” (*Carta a los coríntios*, XXI,8), ele pôs em tela a “*Cristó paideia*” (PEREIRA MELO, 2012, p.193).

Como em qualquer estudo historiográfico, considera-se que foi instruído nos ensinamentos judaicos, bem como era conhecedor da formação dada aos pagãos, ou seja, a filosofia greco-romana. Em relação a este conhecimento filosófico precisamos entender que a filosofia greco-romana foi utilizada pelos propagadores da nova crença segundo seus propósitos. Se apropriaram dela para alicerçar o discurso direcionado aos gregos a fim de que fosse palpável a relação de instrução educacional inspirada

na *paideia* clássica, para aprimorar e convencer adeptos à *paideia* cristã, conforme seus propósitos. Servia, igualmente, para corroborar a fé cristã, oferecendo a ela um sentido novo, de caráter religioso:

O cristianismo é uma religião, empregando por vezes termos filosóficos para exprimir sua fé, os escritores sacros cediam a uma necessidade humana, mas substituíam o sentido filosófico antigo desses termos por um sentido religioso novo. É esse sentido que lhes devemos atribuir, quando os encontramos nos livros cristãos (GILSON, 2013, XV introdução).

Gilson (2013) reforça que é esse o sentido que devemos atribuir à presença da filosofia nos escritos e autores cristãos: devemos ser cautelosos porque, de um lado, há autores que negam a filosofia pagã e, de outro, aqueles que se alimentam dela para outros fins. Esse mesmo cuidado deve ser dispensado ao estudar os textos de Clemente Romano, visto a postura que assumiu em relação à cultura clássica. Usou-a, apenas, para justificar uma *paideia* cristã, sem, entretanto, se posicionar na condição de defensor de filosofias incompatíveis com a doutrina cristã.

Desta forma, muitas são as discussões despertadas pela leitura de Clemente Romano e suas origens instrucionais, mas, o que se deve ressaltar é a Carta que deixou. A partir dela, buscamos a compreensão das instruções religiosas e/ou morais que foram inspiração para muitos cristãos na história da Igreja e comunidades, entre as quais Antioquia, Cesareia, Samaria, Filadelfia (Rabá), Trôade, Filipos, Corinto, Éfeso, Esmirna, Sardes, (KOESTER, 2005). Dessas, cumpre destacar a de Corinto, pois foi para ela que ele destinou sua Carta a fim de que passasse recomendações, em face dos problemas internos. Por fim, para além de investigar suas origens, apesar das limitações ocasionadas pela carência de fontes primárias, cumpre destacar o modo como ele permaneceu na tradição cristã e na história.

2.3.1 Clemente Romano visto pela tradição cristã e histórica

Em relação à tradição cristã, temos como referência a trajetória do cristianismo e os escritores cristãos que foram responsáveis pela sua propagação. Esses escritores foram reunindo uma literatura que perpetuava as prerrogativas destinadas

à formação de seus adeptos e divulgava a mensagem de Jesus Cristo. Fazendo parte desta literatura pós-apostólica contamos com Clemente Romano. E de acordo com essa tradição eclesial, Clemente Romano foi o terceiro bispo de Roma, uma vez que há informações de que os primeiros bispos exerceram seus cargos na seguinte ordem: Linus, Anacletus e Clemente Romano. Mas a respeito dessa ordem temos muitas discussões que elencam essas disposições de outra forma, conforme ratificações e pesquisas realizadas.

Por exemplo, a descrição de Ferrar (1928), versa sobre a sucessão dos bispos e papas. Para ele, essa sucessão se apresenta nos medalhões presentes na Igreja de São Paulo atrás dos Muros, em Roma⁹. Esses medalhões, feitos em mosaicos com azulejos, foram colocados na parede interna da Igreja desde a sua construção (por volta de 450), durante o papado de Leão I, o Grande, (440 – 461 d. C.), e teve por finalidade mostrar e/ou legitimar em ordem cronológica a sucessão petrina. Apesar do incêndio que a Igreja sofreu, em 1823, eles foram restaurados e estão hoje fixados nas paredes no alto do interior da Igreja (LAMELAS, 2001).

Segundo informação de Ferrar (1928), esses quadros em forma de medalhões representam a hierarquia da Igreja Cristã, desde o seu primeiro bispo, no século I, e Clemente Romano está em terceiro na ordem petrina. Esses retratos se juntam às informações disponíveis para compreender a cronologia deste bispo. Eles complementam alguns documentos que a Igreja possui e que informam a disposição papal na qual ele é citado, como podemos extrair da contribuição de Pereira Melo (2012), que destaca alguns documentos que também elencam a ordem papal:

[...] as *Constituições Apostólicas* (VII, 46), de 375-380, de autoria anônima; o *Catálogo Liberiano*¹⁰, de 345; e as cartas de Santo Agostinho (*Epístola* 53,2); segundo as quais, a linha sucessória estaria disposta da seguinte forma: Pedro, Lino e Clemente (PEREIRA MELO, 2012, p.186).

Ao confrontarmos os medalhões, segundo a interpretação de Ferrar (1928) e os documentos elencados acima, podemos determinar que estes arquivos e registros

⁹ Igreja de São Paulo Atrás dos Muros: Igreja que hoje está em Roma, com os mosaicos de todos os Papas desde Pedro até o Papa atual, Francisco. Ela existe e foi construída fora dos muros de Roma.

¹⁰ Catálogo Liberiano – iniciado por volta do ano 235, que estabelece a lista dos bispos de Roma, e que depois irá até o século IV, ao papa Líbério (352-366) (ROPS, 2014, p.95).

são bem mais antigos e Clemente Romano foi incluído como um dos primeiros bispos. Assim, partindo dessas informações, a tradição da Igreja de Roma, elabora a ordem dos papas desde o século I d. C., e a mantém como prova da importância histórica dessa crença. Desde Pedro (5 d. C.– 67 d. C.) se formou uma lista que contém, hoje, 263 papas (DUFFY, 1998). Esse histórico e a ação da igreja garantem a legitimidade dessa cronologia papal, uma vez que é confirmada por vários estudiosos e documentos.

De acordo com Lamelas (2001), historicamente, um dos primeiros autores a escrever sobre Clemente Romano foi Hegesipo (110 d. C – 180 d. C.) que era do Oriente, conhecedor do siríaco e provavelmente de descendência judaica. Hegesipo foi para Roma, passando por Corinto durante o pontificado do bispo Aniceto (154-166 d. C.), com o objetivo de estudar nas comunidades cristãs sobre a tradição da doutrina apostólica. Hegesipo escreveu várias obras que se perderam, mas sabemos delas pelo historiador Eusébio de Cesareia (270 a. C. – 339 d; C.) (ALTANER; STUIBER, 1988). Hegesipo escreveu sobre Clemente Romano e Eusébio de Cesareia (2005) reproduziu o seu conteúdo e reforçou esse contato:

E a igreja dos coríntios permaneceu na reta doutrina até que Primo foi bispo de Corinto. Quando navegava para Roma, convivi com os coríntios e com eles passei muitos dias, durante os quais me reconfortei com sua reta doutrina (*História Eclesiástica*, Livro IV, XXII, 2).

Outra fonte considerável sobre o terceiro bispo da igreja, é Irineu de Lyon (130 d. C. - 202 d. C), um respeitável historiador da Igreja. Ele considerava Clemente Romano como o terceiro sucessor de Pedro, depois de Lino (67-76) e Anacleto (76-91) (IRINEU DE LYON, III, 3,3). Irineu, o bispo de Lião, conhecido principalmente pela sua refutação do gnosticismo, descreveu no seu livro *Contra as Heresias*, (III, 3,3) não apenas o lugar de Clemente na sucessão como também o fato dele enviar correspondências à Corinto, com a finalidade de pacificar os conflitos ali existentes.

[...] os apóstolos, então, tendo fundado e construído a Igreja, passaram o comando do episcopado a Lino [...] Seu sucessor foi Anacleto, e, após este, no terceiro lugar desde os apóstolos, Clemente foi sagrado bispo. Esse, por ter visto os abençoados apóstolos, assim como suas tradições. [...] No tempo de Clemente, havendo uma dissensão na comunidade de Corinto, a Igreja de Roma despachou uma carta poderosa aos irmãos daquela igreja, exortando-os a paz, a

renovação da fé deles e declarando a tradição que essa comunidade recebera recentemente dos apóstolos [...] Clemente foi substituído por Evaristo, [...] a tradição eclesíastica dos apóstolos e a disseminação da Verdade têm chegado a nós. E isso nos serve como prova abundante de que existe uma e vivificante fé, que tem sido preservada pela Igreja desde os apóstolos até hoje (*Adversus haereses*, III,3).

A respeito da relação de Clemente Romano com os apóstolos Paulo de Tarso e Pedro (5 d. C. - 67 d. C.), um dos primeiros relatos dessa relação foi feito por Orígenes (185 d. C.- 253 d.C.), escritor de obras importantes como a “Exortação ao Martírio” e “Sobre a oração”. Orígenes relaciona Clemente Romano como colaborador dos apóstolos, ressaltando que na fundação da comunidade de Filipos, Paulo de Tarso escreve uma carta que diz: “Junto com Clemente e meus outros colaboradores, cujos nomes estão no livro da vida” (Fl 4, 3)” (RUIZ BUENO, 2002, p. 101).

Também Eusébio de Cesareia e São Jerônimo, que seguem as palavras de Orígenes, citam a mesma passagem bíblica: Filipenses, capítulo 4 e versículo 3, para corroborar a presença de Clemente Romano junto aos apóstolos, na propagação da nova crença nas comunidades que foram fundadas no início da pregação cristã (RUIZ BUENO, 2002).

Sendo-nos impossível enumerar pelo nome todos os que na primeira geração de apóstolos foram pastores e inclusive evangelistas nas igrejas de todo o mundo, é natural que mencionemos por seus nomes e por escrito apenas aqueles dos quais se conserva a tradição até hoje graças a suas memórias da doutrina apostólica. [...] 1. Não cabe dúvida, portanto, de que tais são Inácio, em suas cartas cuja lista fornecemos, e Clemente na carta por todos admitida, que escreveu em nome da Igreja de Roma à de Corinto (*História Eclesiástica*, Livro III, 37, 4; 38, I, 1).

Como complemento dessas informações, o nome de Clemente Romano era conhecido como um símbolo e sinônimo de pontífice ou bispo romano e Hermas em o *Pastor de Hermas*, que escreve em Roma sob o pontificado de seu irmão Pio (141-155 d. C.), conta-nos a mensagem que lhe foi dada pela Igreja, em uma de suas obras “As Visões”, em que ele descreve cinco visões (O Pastor de Hermas, “El Visiones”). Na segunda visão lhe aparece a figura de uma venerável anciã (um anjo lhe fala em sonho que é a Igreja) que lhe diz: “Copiarás então dois livrinhos ou cadernos, e você vai mandar um a Clemente e outro para Grapta. Clemente vai mandá-lo para as cidades de fora, já que ele é o responsável por esta posição ...” (TREVILJANO, 1994,

p. 41). Hermas afirma que Clemente Romano tinha liderança como bispo na sucessão eclesiástica.

A partir dos referenciais acima mencionados, se pode compreender a importância de Clemente Romano como bispo de Roma para a história cristã. Ela não pode ser mensurada, visto a relevância de seus ensinamentos, disseminados nas comunidades cristãs por vários séculos. Dessa forma, é importante considerar que suas orientações são o produto de um momento histórico, específico do cristianismo primitivo. Elas refletem a formação, a preocupação e as apreensões do autor e sua época. Essa reflexão sobre a redação de Clemente Romano nos instiga a estudar o *modus operandi* de uma crença em que seus adeptos subsistiram à opressão intentada pelos romanos, se movendo de forma ordenada, instruindo seus convertidos e seguidores. Tendo em vista que a maioria de seus adeptos não tinham acesso a uma instrução sistematizada, as cartas eram uma forma de educá-los para uma vivência em uma sociedade que não acolhia a todos. Em face disso, é necessário pôr em discussão o conteúdo de seus escritos para, a partir deles, compreender as dificuldades que teve em moldar os comportamentos, formando os fiéis segundo a crença que acreditava e defendia.

3. CLEMENTE ROMANO E A I CARTA AOS CORÍNTIOS

Os textos que compõem a tradição cristã são ricos em informações a respeito dos princípios do cristianismo. A partir deles é possível elaborar conjecturas a respeito da formação, do desenvolvimento, dos valores e do ideal de homem almejado por esta tradição, fundamental na sociedade ocidental. É o caso da I Carta de Clemente Romano escrita por volta de 92 a 96. Esta carta estava entre os documentos encontrados em 1628, junto ao *Codex Alexandrino*. Em relação a essa descoberta é importante ressaltar o que Lamelas (2001) informou a respeito desse códex. Para ele, é um manuscrito que contém a versão grega da Bíblia que, tudo indica, foi oferecido de presente pelo Patriarca de Alexandria, Cirilo Lucar, ao soberano inglês Carlos I¹¹.

Em primeiro lugar, a importância dessa carta de Clemente Romano aos Coríntios para a história do cristianismo primitivo, está no fato de que fornece informações dos problemas enfrentados pelas primeiras comunidades cristãs, bem como orientações doutrinárias e formativas, prescritas aos novos adeptos. No século I d. C., ela foi um dos primeiros documentos doutrinários escritos depois dos evangelhos do *Novo Testamento*. A relevância dela, portanto, reside no fato de indicar instruções e ensinamentos que transmitiu, materializada numa forma de educar e formar o homem cristão. Outro ponto a destacar é o claro propósito de disciplina eclesial. Não é a fé ou o dogma que está em jogo, mas a disciplina e a unidade fraterna na assembleia. O que se denota entre seus membros são as contradições deles. É a inveja e os interesses pessoais que quebram a paz e a unidade mais do que as disputas doutrinárias. Essas são, apenas, uma desculpa para justificar ambições que nada têm a ver com ortodoxia ou heterodoxia de ideias, mas com lutas pelo poder e controle da comunidade (ROPERO, 2004):

¹¹ Em 1753, o famoso manuscrito será transferido da biblioteca real para o Museu Britânico, onde continua até a presente data. Trata-se de um códice em escrita uncial, datado aproximadamente do início ou meados do século V. Além do Antigo e Novo Testamentos, este manuscrito contém, imediatamente a seguir ao Apocalipse, duas Cartas atribuídas a Clemente Romano. A Primeira Carta ocupa os fólhos 159^a-168^a. O primeiro fólio (159^a), que se encontra ligeiramente mutilado [...] (LAMELAS, 2001, p. 22). O texto grego completo apareceu com a descoberta do Códice Hierosolimitano (o mesmo códice que contém o texto grego da Didaquê, com o restante das páginas (KOESTER, 2005, p.307).

Por que há conflito e raiva e dissensões e facções e guerra entre vocês? - lhes pergunta Clemente - Não temos apenas um Deus e um Cristo e um Espírito de graça que foi derramado sobre nós? E não existe apenas uma vocação em Cristo? Por que então separamos e dividimos os membros de Cristo, e causamos dissensão em nosso próprio corpo, e chegamos a esse extremo de loucura, em que esquecemos que somos membros uns dos outros? (1 CLEM., XLVI, 5-7).

Essa citação de Clemente Romano mostra o posicionamento dele contra cismas e a favor da unidade eclesial, proposta por Jesus Cristo. Igualmente, se alinha com os escritos de Paulo de Tarso, que afirmou a imperiosa necessidade de todos “reunidos estabelecem concordância”. Com base nesse dogma ilustrou com exemplos das Escrituras, em que apontou a humildade e a obediência, virtudes que estão em falta. Por isso, é impossível a coexistência em paz e no temor de Deus ou santidade. Não pode haver loucura maior em chegar ao ponto em que nos esquecemos de que somos membros uns dos outros (ROPERO, 2004).

Portanto, tratar-se-á de descrever a carta de Clemente Romano, os problemas e cismas que deram motivo à sua redação, o seu conteúdo, as recomendações elencadas para os fiéis de Corinto, as virtudes que Clemente Romano elege para que a comunidade tenha uma formação religiosa e necessária para superarem o momento em que eram dominados pelo Império Romano.

3.1 A Primeira Carta aos Coríntios: Lições Para a Comunidade Cristã

Clemente Romano escreveu a carta endereçada à comunidade de Corinto, representando a comunidade de Roma: “A Igreja de Deus peregrina em Roma, à Igreja de Deus peregrina em Corinto” (I CLEM, Saudação, 2001, p. 45).

A finalidade era a de dirimir problemas e discórdias que estavam ocorrendo entre os membros dessa comunidade. Conforme relatado nessa carta, os mais jovens faziam oposição aos anciãos enquanto dirigentes desses fiéis. A comunidade de Roma recebeu notícias dos problemas de dissensões e brigas entre os cristãos em Corinto e, então, ele enviou uma carta com diligências aos seus fiéis. Essa atitude demonstra a preocupação de que a carta transmita recomendações com o objetivo de

solucionar problemas nas comunidades cristãs e agir no sentido de manter a união, conforme os ditames prescritos pelo modelo de Cristo.

Em razão dessa preocupação, a Primeira Carta de Clemente Romano aos Coríntios foi utilizada como modelo formativo em várias comunidades que foram surgindo, conforme relatou Dionísio, bispo de Corinto no século II, na sua carta ao papa Sotero (120 d. C.- 175 d. C), redigida aproximadamente em 166-175 d. C.. Ela demonstra que a Carta de Clemente era lida aos domingos nas assembleias litúrgicas.

Hoje, sendo dia do Senhor, mantivemos como dia santo, quando lemos sua epístola, que continuaremos a ler para nossa edificação, como também a antiga epístola que nos enviou Clemente (LIGHTFOOT, 1869, p. 3).

Eusébio de Cesareia (263 – 339 d. C.) também confirma que a mesma Carta era reconhecida como autêntica e lida publicamente em muitas Igrejas nas assembleias dos fiéis. Ele declarou que não há dúvida de que a *I Carta de Clemente* foi escrita em nome da igreja de Roma à comunidade de Corinto. Nela, Clemente Romano expõe muitos pensamentos da Carta aos Hebreus, e inclusive utiliza textualmente algumas passagens dela, ao tempo que atesta sua antiguidade e sua autoria.

Deste existe uma Carta universalmente admitida, longa e admirável, que escreveu em nome da igreja de Roma à de Coríntios, tendo como motivo uma sedição ocorrida em Corinto. Sabemos que esta carta foi lida publicamente na assembleia na maior parte das igrejas, não apenas antigamente, mas também em nossos dias (*História Eclesiástica*, Livro III, XVI, 1).

O teólogo inglês Lightfoot (1869), que redigiu uma introdução para a Carta de Clemente Romano, publicada neste ano de 1869, destacou também estas indicações, em uma tradução que fez da carta, atestando que “Em suma, pode-se dizer que bem poucos escritos da antiguidade clássica ou cristã são tão bem autenticados quanto esta carta” (LIGHTFOOT, 1869, p. 1).

Isto posto, Cowper (1928) conclui que sem insistir muito na data precisa em que foi escrita, a carta clementina orienta comportamentos e modelos a serem seguidos. E complementa que a carta de Clemente Romano nos fornece três lições: A primeira é a de prestar um testemunho importantíssimo da antiguidade tanto pela

autenticidade como pela autoridade que nela se encerra, em virtude dos exemplos do Antigo Testamento com que se utiliza. É possível que seja precursora dos livros do Novo Testamento, uma informação que não pode ser negligenciada. A segunda lição é o fato da epístola de Clemente Romano ser valiosa nas informações sobre a controvérsia com romanistas e romanizadores. Por fim, as doutrinas inculcadas nesta epístola são essencialmente as agora entendidas como evangélicas. Suas citações referentes às Escrituras são consideradas como uma autoridade presente, com poder de decisão sobre os cristãos. Ela é a autoridade final da qual não há apelo a nenhum outro Tribunal existente e, dentre os homens aqui na terra, os cristãos devem reconhecer este poder e se submeter aos juízos de Deus (COWPER, 1867).

Para Cowper (1867), toda a carta foi elaborada com muitos exemplos, destacando-se a autoridade que Clemente Romano atribuiu a Deus. É uma Lei para os homens, de onde não se pode recorrer a outra Corte que não seja a dele, pai de Cristo. Não há outro tribunal para o qual se possa recorrer na terra. Portanto, os cristãos precisam resolver as suas desavenças entre eles mesmos e com seus superiores.

Daí surge uma questão muito discutida entre muitos pensadores do cristianismo primitivo, como Daniel-Rops (2014), Bultmann (2008) e Meeks (1997) sobre como o povo que se considerava o eleito de Deus encarava essa relação com o mundo à sua volta. A cidade terrena tinha uma longa tradição em relação à moral que repercutia nos escritos dos cristãos eruditos. E, assim, os cristãos acreditavam que eram estrangeiros em qualquer lugar que habitavam. Enquanto os judeus se consideravam um povo único de Deus, reverenciando um país natal (Israel), os cristãos não tinham referência na terra, apenas no céu. A esse respeito Meeks (1997) esclarece que os cristãos se viam como peregrinos em busca de uma cidade construída por Deus (Hb 11,10.16; 12,22; 13,14).

Segundo ele, os cristãos não se diferenciavam de outros povos nem quanto ao território e nem na linguagem ou nos costumes, pois eles não viviam em suas próprias cidades. Em referência à Carta a Diogneto, Meeks (1997) menciona que os cristãos mantinham os costumes locais, quer vivessem em cidades gregas, quer cidades bárbaras.

Dessa forma, os cristãos, mesmo com essa orientação, respeitavam as leis terrenas, pois até Clemente Romano fazia essa recomendação: “para que

obedeçamos ao teu onipotente e santo nome e aos olhos das autoridades que nos governam” (I CLEM, LX, 4). Em síntese, tudo indica que as comunidades cristãs de Roma e de Corinto não almejavam nenhum enfrentamento com o governo imperial, ao contrário, queriam apenas seguir sua religião sem que houvesse perseguições, por isso, respeitavam as leis e regras impostas pelas lideranças políticas da região que habitavam. Essa era a maneira que os cristãos se entendiam e se compreendiam: cristãos peregrinos, fiéis a Deus e aos homens terrenos e às suas leis.

Para além dos problemas políticos, as preocupações de Clemente Romano, em sua Carta, constavam a de apontar um modelo de doutrinar e ou formar o homem de Corinto e, por extensão, o homem cristão, segundo os ensinamentos da tradição e do próprio Cristo. Além disso, fazer promessas de cidadania celeste, a defesa da unidade e da hierarquia da Igreja e, principalmente, defender a família solidificada na fé, na disciplina, na humildade, no amor, na obediência, na hospitalidade, dentre outros comportamentos elencados para os cristãos (I CLEM, XIII, 1-3).

De acordo com a maneira com que exorta a comunidade, Clemente Romano apresenta a carta em forma de parênese¹², uma forma de discurso moral que estabelece as atribuições de cada membro daquela igreja bem como os seus deveres, num processo formativo dos fiéis de Corinto para uma vida nova em Cristo. Essa era uma maneira de educar desde o âmbito familiar, tendo como finalidade os comportamentos desejados de um bom cristão, para com a sociedade e o Império (KOESTER, 2005).

No entendimento de Vielhaeur (2012) a parênese emprega também esquemas em estilo de catálogo como o de ‘virtudes e vícios’, encontrados em Paulo de Tarso (Gl 5.19-23). Os vícios são designados como “obras da carne” e as virtudes como “frutos do Espírito”. E outro esquema parenético é representado pelos chamados ‘catálogos dos deveres domésticos’.

“compilações de deveres de cada um dos membros de um “estado doméstico” – dos cônjuges, pais, filhos, senhores e escravos – de um para o outro e para o meio-ambiente. O catálogo doméstico mais antigo do NT encontra-se em Cl 3.18-4.1, a essa segue paralelamente

¹² Parênese: A parênese se distingue dos gêneros pré-literários analisados pelo fato de não constituir uma forma sucinta, coesa e arredondada, e, sim representa uma matéria de uma tradição inconclusa de regras de comportamento, mas que, não obstante, se caracteriza por determinados indícios formais. Designa-se parênese (=discurso de admoestação) no sentido histórico-formal “um texto que encadeia admoestações de conteúdo ético geral (VIELHAUER, 2012, p. 79).

Ef 5.22-6.9; depois 1 Pe 2.18-3.12; 1 Tm 2.8-15; Tt 2.1-10; os pais apostólicos também trazem catálogos de deveres domésticos: 1 Clem 21.7-9; [...]” (VIELHAEUR, 2012, p.81).

Portanto, temos a ressaltar que a parênese não é uma criação cristã, tendo suas raízes no judaísmo e no helenismo, uma vez que o judaísmo helenista utilizou formas literárias e conteúdos éticos da filosofia com a finalidade de propagar e defender a tradição da sua sabedoria veterotestamentária, bem como exemplos das apreensões da filosofia pagã, como o ensino de dois caminhos (VIELHAEUR, 2012).

Corroborando com as afirmações de que a escrita de Clemente Romano indica uma forma de instruir parenética e a exortação à obediência, o próprio Clemente Romano se dirige aos fiéis de Corinto de forma edificadora como ele expressa no capítulo LXIII, versículo 2, ao se referir à necessidade dele limiar a cólera que alimenta as rivalidades:

Efectivamente alcançareis grande alegria, se obedientes ao que por nós foi escrito, por meio do Espírito Santo, cortardes pela raiz com a injusta cólera da vossa rivalidade, conforme a exortação à paz e harmonia que nesta carta vos fazemos (I CLEM, LXIII, 2).

No Capítulo XXI, 6, ele menciona a necessidade de respeito aos superiores e aos presbíteros. Assim como mencionou a exigência de inculcação da disciplina aos mais novos e a educação das esposas quanto a comportamentos tidos como exemplares:

[...] Respeitemos os nossos superiores. Veneremos os presbíteros. Inculquemos aos novos a disciplina e o temor de Deus. Eduquemos as nossas esposas no bem. 7. Adquiram o amável costume da pureza, demonstrem um puro desejo de docilidade, evidenciem a discrição da sua língua com o silêncio, ofereçam o seu amor não sob forma de provocações, mas santamente e por igual a todos os que temem a Deus (I CLEM, XXI, 6).

Nas referidas citações, é possível identificar algumas virtudes, como a obediência, a disciplina, a pureza, a fé, a paciência, a resiliência, a hierarquia, entre outras. A partir delas, podemos compreender que, em toda a carta, Clemente descreve e defende valores compatíveis com a doutrina cristã. De modo eloquente, ele propõe instruções cristãs para a comunidade de coríntios que está com problemas. Em um momento em que impera discórdias de grupos rivais, ele chama a atenção

para a defesa de princípios formativos que visem formar os seguidores de Cristo para a construção de uma igreja unida. Por isso, a carta de Clemente Romano revela o propósito de persuadir os cristãos a viver a fé dignamente e estimula-os a mostrar a crença aos que ainda não eram convertidos. Clemente Romano reforça que esses novos cristãos precisavam ser o exemplo e não demonstrarem as suas fraquezas perante a comunidade e às suas famílias, o que se deduz que os tratava como irmãos, um estilo fraterno de se dirigir a seus fiéis.

Não foi apenas no conteúdo que a epístola clementina assumiu um caráter formativo. Na compreensão de Leite (2012), a carta possuía um gênero que intitulou de “epistolar exortativo fraternal”, pois, como já afirmado, o gênero discursivo está vinculado com o tom de voz que está por trás das letras que vemos no texto e se vincula com a atividade que se exerce. Segundo Leite, por um lado, a epístola possui uma formalidade, devido ao estilo retórico e à falta de referências a nomes de pessoas da comunidade de Corinto. Essa escolha sugere que o autor não conhece o destinatário e que utiliza do texto padronizado para suprir esta falta de conhecimento, portanto, o gênero discursivo epistolar. Por outro lado, a exortação realizada pelo autor não é pastoral (LEITE, 2012).

Leite (2012) explica que não é pastoral porque Clemente Romano não fala como no Evangelho de João, em que este se dirige aos fiéis como se fossem “filhinhos”. Clemente Romano redige a sua carta como se estivesse conversando com um irmão, em tom de aconselhamento, preocupando-se com as consequências dos atos dos adeptos do cristianismo. Mas como Leite (2012) menciona que as possibilidades de se classificar o gênero discursivo é infinita, podemos também intitular esta carta de Clemente Romano de “carta epistolar instrucional”, em face dos ensinamentos contidos em suas diretrizes.

Embora a natureza epistolar fosse importante, importa considerar seu caráter educativo que atendia a públicos muitos distintos. Além de ser orientada para todos os fiéis, Clemente Romano privilegiou autoridades, possivelmente porque elas poderiam ser “espelhos” para outros. Ele dirigiu recomendações para que os fiéis respeitassem as autoridades que estão no poder. A respeito das autoridades, Clemente Romano não emite juízos em nenhum momento sobre o Império Romano. Ao contrário: ele escreve com cautela, direcionando os cristãos de Corinto com exemplos a serem seguidos, mesmo que o povo cristão estivesse sendo perseguido

pelos romanos. Segundo Pereira Melo (2012, p. 201), ele “não proclama a obediência e a submissão apenas no seio da Igreja, da hierarquia cristã, mas também aos príncipes e governantes”. A respeito disso, Clemente Romano, na oração final (LIX - LX-LXI), ainda reforça e pede a Deus saúde, paz, concórdia e estabilidade para os imperadores.

Tu, Senhor, que lhes destes o poder e o reino, pela tua inefável e extraordinária força, para que reconhecendo a glória e a honra que lhes deste, lhes obedeçamos, sem nos opormos à tua vontade, dá-lhes saúde, paz, concórdia e a firmeza, para que sem ofensa se ocupem no governo que lhes confiaste (I CLEM, LXI, 1).

Em relação à organização das comunidades podemos compreender que a referida carta de Clemente Romano também não apresenta indícios de que Roma pudesse intervir nos problemas das outras comunidades. Diferentemente, de acordo com a linguagem e os argumentos utilizados por Clemente Romano, Roma não podia reivindicar nenhum direito de interferir. Contudo, o texto permite que se possa extrair a capacidade de Roma de gerir os problemas que surgiam para que fossem solucionados, conforme seus próprios interesses (MORESCHINI; NORELLI, 1995).

Estudos modernos, como do teólogo Vielhauer (2012), alegam que o primado romano é negado tanto por pesquisadores protestantes como católicos. Em parte alguma na carta de Clemente Romano se fala do episcopado monárquico.

E a comunidade romana daquela época de fato não possuía nem posição legal nem recursos para uma intervenção jurídica; para a consecução de seus objetivos, ela tinha que primeiro conquistar a maioria dos coríntios por meio do convencimento e manter sua carta no tom adequado (VIELHAEUR, 2012, p. 565-566).

A constatação de que, naquele momento, ainda não se falava em uma denominação cristã e/ou cristianismo, bem como nem havia uma igreja consolidada, podemos arguir que as comunidades ainda estavam se fortalecendo nas cidades que os apóstolos visitavam. Não havia ainda uma primazia da comunidade de Roma, na forma que se estabeleceu no século III, quando só então foi reconhecida como religião oficial do Império Romano (DROBNER, 2003). No século I da Era Cristã, não se falava numa instituição papal, conforme conhecemos hoje. Todos eram bispos das comunidades, nomeados para os cargos a partir do rito de imposição de mãos, como

se estabeleceu pela tradição cristã. Esse gesto, acreditava-se ser inspirado pelo Espírito Santo, na pessoa dos Apóstolos que seguiram o messias, Jesus Cristo.

Enfim, pelas considerações cotejadas pode-se inferir que não havia ainda uma hierarquia entre a comunidade de Roma e a de Corinto, e sim um início de organização eclesial que foi se estabelecendo com o decorrer dos séculos. Isto posto temos a ressaltar que Clemente Romano escreveu a I Carta aos Coríntios com tão veemência e com tantos exemplos que demonstram a importância dessas direções explícitas nos primeiros ensinamentos da religião cristã primitiva, uma maneira de educar que naquele período se destacava no contexto social opressor e desafiador imposto pelo poder dominante e articulado do império romano.

3.2. Estrutura e Conteúdo da I Carta aos Coríntios

Como já indicado, a I Carta de Clemente Romano aos Coríntios foi uma elaboração cuidadosa e que visava a instrução dos fiéis da comunidade de Corinto com a intenção de aconselhá-los na resolução de dissensões que estavam provocando divisões. Essa comunidade se destacou pelas desavenças internas, como já mencionado, quando Paulo de Tarso enviou duas cartas a essa comunidade, alertando-a dos perigos dos conflitos e chamando a atenção para o fato de que a igreja é, metaforicamente, semelhante ao corpo de Cristo.

Graças à importância desta I Carta clementina, cumpre analisá-la do ponto de vista da estrutura e do conteúdo de seus capítulos. Por isso, voltemos nossa atenção para a sua divisão. Ao que tudo indica, estudiosos não chegam a consenso quanto a isso, visto que ela é dividida de várias formas por muitos historiadores. Um exemplo disso, é a feita por Altaner; Stuiber (1988) que a dividem em três partes:

1ª parte (1/36); admoestações gerais; 2ª parte (37-61); alude às dissensões dos coríntios e exige submissão aos chefes eclesiásticos, estabelecidos pelos apóstolos ou por seus sucessores, exemplificando com a estrutura de um exército, a constituição do corpo humano, e também com a hierarquia veterotestamentária. O epílogo (62-65) exprime a esperança de um pronto e feliz regresso dos portadores com a notícia do restabelecimento da paz (ALTANER; STUIBER, 1988, p. 55-56).

Apesar de haver interpretações diferenciadas quanto à sua divisão, privilegiamos a elaborada por José Joaquim Pereira Melo (2012). No entendimento desse pesquisador, a carta ficou estruturada da seguinte forma: Saudação, Preâmbulo, capítulos I a III, depois capítulos IV a XXXVI; em seguida, os capítulos XXXVII a LXI e a última parte corresponde aos capítulos LXII a LXV.

Clemente Romano (2001) inicia a I Carta com uma saudação aos Coríntios, conclamando os fiéis a serem santos e a obedecerem a vontade de Deus. Em seguida, no preâmbulo, nos capítulos I e II, alertou os destinatários da epístola a respeito das adversidades encontradas ao mesmo tempo em que reconheceu a demora em escrever, devido às perseguições realizadas pelos romanos. Depois de elogiar a comunidade, na primeira parte, composta pelos capítulos IV a XXXVI, ele se dispôs a ressaltar as situações que poderiam resultar das discórdias e, por isso, mencionou uma série de exemplos de ciúmes e inveja descritos no Antigo Testamento. Assim, exemplificou a partir das histórias de Caim e Abel, José, Moisés, Davi, Aarão e Maria os sofrimentos provocados por esses sentimentos. Ele citou também o apóstolo Pedro e Paulo, como os mais próximos do seu tempo, descrevendo como foram martirizados por inveja e rivalidade de seus contemporâneos.

Clemente Romano citou também exemplos pagãos, como as *Danaídes e Dirce*, personagens mitológicos que foram torturadas pela inveja, demonstrando um certo conhecimento da cultura clássica, uma vez que os contos antigos relatavam a história sofredora destas mulheres (LAMELAS, 2001). Essa condição evidencia o valor que a cultura clássica tinha e o modo como era utilizada, no sentido de prestar justificativas aos cristãos a respeito dos princípios que defendiam. Muitos foram educados na tradição helênica e adaptaram a cultura grega aos elementos do cristianismo.

Outro exemplo dessa apropriação utilizada por Clemente Romano, diz respeito à compreensão sobre a ressurreição. No capítulo XXV, ele descreveu a lenda da Fênix¹³, que ressurge das cinzas e vive por quinhentos anos. Em relação à lenda da Fênix, Clemente Romano a utilizou para demonstrar a forma com que o cristão pode

¹³ Ave fabulosa da Etiópia, que deu origem a uma das lendas mais difundidas da Antiguidade. Do tamanho de uma águia real, plumagem de cores esplêndidas. Renasce das próprias cinzas. A nova Fênix voa até Heliópolis do Egito, centro do culto do Sol ao qual a Fênix está associada. O III Baruch 68 descreve o papel da Fênix em relação ao Sol (PADRES APOSTÓLICOS, 1995, p.42).

alcançar a ressurreição, que seria concedida por meio da fé em uma vida eterna, tendo em mente que conforme o mito, a Fênix viveu quinhentos anos e ressuscitou das cinzas e, assim, qualquer homem que esteja no caminho traçado por Cristo, também poderá almejar a ressurreição.

No capítulo XXIV, Clemente mencionou modelos do ciclo da vida, fundamentados no pensamento estoico, a partir do qual entendeu que na natureza do mundo tudo acontece sempre da mesma maneira: “2. Vejamos, caríssimos, a ressurreição que se verifica no tempo. 3. O dia e a noite manifestam-nos a ressurreição: adormece a noite, e surge o dia, vai-se o dia e vem a noite” (I CLEM, XXIV, 2-3).

Conforme estudado por Reale (1994), a filosofia estoica, como também a dos pré-socráticos, consideravam o mundo gerado e, passível de ser destruído, “o que nasce deve, em certo ponto, morrer”. Da mesma maneira que há um fogo que constrói tudo, há outro fogo que consome, carboniza e destrói:

A conclusão era, portanto, obrigatória: o fogo cria em certa medida e em certa medida destrói: conseqüentemente, ao fatídico cumprimento dos tempos, advirá uma conflagração universal, ou seja, uma geral combustão do cosmo (*ekpyrosis*), que será também uma espécie de universal purificação, e tudo será fogo. Seguir-se-á um novo nascimento (*palingénesi*) e tudo se reconstruirá exatamente como antes (*apokatástasi*). Renascerá o cosmo, esse mesmo cosmo que eternamente continuará a ser destruído e a reproduzir-se não só na sua estrutura geral, mas também nos acontecimentos particulares (o eterno retorno): renascerá casa homem sobre a terra e será tal como foi na precedente vida, até nos mínimos pormenores (REALE, 1994, p.323).

Quando descreveu a harmonia do universo, no capítulo XX, Clemente Romano destacou que há uma ordem na natureza, responsável por coordenar todo o universo sem que haja um desvio sequer. Salientou que os astros, todos os dias, seguem a mesma trajetória para a perfeição da vida na Terra. Essa concepção, se consubstancia com o pensamento clássico, sobretudo, com a visão estoica da natureza, da *physis*, e com o entendimento do universo como *logos divino*, perfeito e um deus que transcende este universo (LAMELAS, 2001, p.11).

Gilson (2013) explica a noção do termo *Logos*, que no estoicismo representava a suprema razão divina, indissociável do universo e que governava e regia a tudo e, em contrapartida, ele cita o evangelho de João, em que o seu redator definiu o Filho

de Deus como “*Logos*”. Essa definição foi interpretada como a suma sabedoria, isto é, associou o Filho como a Sabedoria, que emanava dos textos veterotestamentários, a exemplo do Livro da Sabedoria (século I a. C). Portanto, a influência da filosofia grega não foi recebida passivamente, mas com uma roupagem tipicamente cristã, pois o *Logos* de João não é um conceito abstrato: ele entra na relação com os homens ao se fazer carne, pois é o próprio Cristo que sofreu e morreu na cruz (GILSON, 2013).

Partindo da pessoa concreta de Jesus, objeto da fé cristã, João se volta para os filósofos, para lhes dizer que o que eles chamam de *Logos* é Ele, que o *Logos* fez-se carne e habitou entre nós, de modo que, escândalo intolerável para espíritos em busca de uma explicação puramente especulativa do mundo, nós o vimos (João, 1, 14). Dizer que Cristo é o *Logos* não era uma afirmação filosófica, mas religiosa (GILSON, 2013, p.8).

Segundo Gilson (2013), algumas civilizações consideram o fato de haver uma inspiração ou plano divino que as orienta como é o caso do *Logos*, que intervém (na história dos Hebreus) e os poderes inferiores (na história dos gregos). Há, portanto, uma compreensão de que há intervenções divinas no cosmos e na vida humana, tanto quanto existe uma visão ordenada e hierarquizada de mundo. Depois de reivindicar a ordem na comunidade explicitando os exemplos para seus adeptos, Clemente Romano (2001), na segunda parte, capítulos XXXVII-LIX, ressaltou a hierarquia da Igreja e a unidade a ser conquistada pelos que creem em Jesus Cristo. Para Jaeger (2014) esse entendimento resulta do fato de que os cristãos, na medida em que conceberam um mundo ordenado por Deus, também entenderam que existe uma ordem cívica e política na vida cristã, fundamentada numa base ética.

Dessa maneira, primeiramente, Clemente Romano comparou a comunidade com a organização militar, a partir do qual os soldados são obedientes e respeitam a hierarquia. Em segundo lugar, cotejou a vida comunitária com o funcionamento do corpo humano ao afirmar que todos os seus membros são necessários para a saúde do ser humano. Para Clemente Romano, a hierarquia e a ordem eclesiástica são fundamentais para que a comunidade seja fortalecida na fé e na ordem, haja vista a designação recebida pelos apóstolos para serem seguidas nos preceitos ditos pelo Senhor. Segundo ele, a vontade do senhor está em Cristo, que ordenou os apóstolos e estes receberam instruções para instituírem os bispos e diáconos (I CLEM, XLII, 1-5).

Nesse ponto, Clemente, outra vez, recorre à tradição da *paideia* clássica que ele conhece tão bem. A concepção orgânica de sociedade, que ele assume do pensamento político grego, adquiriu em suas mãos um significado quase místico quando ele a interpreta, a sua maneira cristã, como a unidade o corpo de Cristo. A ideia mística da igreja, que tem raízes em Paulo, é completada por Clemente com a sabedoria da especulação e experiência e política grega (JAEGER, 2014, p.30).

Ao mencionar a existência de uma ordem, perfeitamente ajustada entre Deus, o mundo e os homens, é que Clemente Romano chamou a atenção para as discórdias, que ele tentou resolver. Com base nessa compreensão de mundo, ele exaltou a justiça e o amor para resolverem as questões da comunidade. Pediu o arrependimento dos chefes da revolta convocando-os à resignação, a fim de que sacrificassem seus interesses particulares para o bem comum. Alertou para que se submetessem aos chefes e reconhecessem os próprios erros ou partissem para longe, com o intuito de deixarem os chefes onde deveriam estar. Igualmente, Clemente Romano apelou para os aspectos da fé no sentido de prometer-lhes a vida eterna quando obedecessem a Deus (I CLEM. XLVI-LIX). Com efeito, Clemente Romano requisitou o arrependimento dos revoltosos e solicitou a saída deles de Corinto, para resolver a contenda. Ele assumiu a postura de autoridade, de maneira austera, condição conferida pelo cargo que exercia e no cumprimento de suas obrigações.

Na última parte, nos capítulos LXII a LXV, Clemente fez um resumo de tudo o que escreveu numa grande oração, muito esclarecedora porque desejava que a paz voltasse a reinar na comunidade de Corinto. É a conclusão da Carta, como se vê a seguir, em que Clemente se despediu com eloquência.

2. Não tenhas em conta o pecado dos teus servos e servas, mas purifica-nos com a purificação da verdade, e dirige nossos passos, para que andemos em santidade do coração, e façamos obras boas e agradáveis aos teus olhos e aos olhos dos nossos superiores.
3. Sim, Senhor, manifesta-nos a tua face, para o bem na paz, para nos protegermos com tua mão poderosa, e nos livremos de todo o pecado e, pelo teu excelso braço, nos livremos de todos os que nos odeiam injustamente.
4. Dá-nos concórdia e paz a nós e a todos os que habitam a terra, como as deste aos nossos pais, que te invocaram santamente na fé e na verdade, para que obedeçamos ao teu onipotente e santo nome e aos olhos das autoridades que nos governam (I CLEM, LX, 2-4).

Pelo exposto, fica patenteado a condição assumida por este importante representante do cristianismo primitivo: ele se posicionou como um defensor da fé cristã. Para isso, Clemente Romano, utilizou os meios que dispunha, tanto conhecimentos clássicos quanto veterotestamentários para convencer e educar um povo convertido na fé que ele entendia como verdadeira. Ao mesmo tempo, ele agiu no sentido de edificar uma crença fundada na unidade, na hierarquia apostólica e na obediência irrestrita, mesmo contrariando algumas verdades da fé. Além do mais, se posicionou na condição de um formador, no sentido de procurar reproduzir valores que colaborassem na formação de uma comunidade cristã unida em torno da pessoa de Cristo. Essa condição é reveladora porque resulta da necessidade de estabelecer os parâmetros em face de crises internas da igreja e de seus representantes. Evidencia, portanto, que a construção histórica da igreja não foi pacífica e sem conflitos, da mesma maneira que, em seus momentos de discórdias, apelou para ações formativas, tal como veremos.

3.3. Os Conflitos da Comunidade de Coríntios: Os Motivos da Ação de Clemente Romano

Clemente Romano provavelmente pode ter sido avisado dos problemas em Corinto, pois resolveu escrever para esta comunidade cristã com o propósito de aconselhá-la para sanar os conflitos que surgiram entre seus adeptos, portanto, no início da Carta, mencionou o fato de que havia dissensões entre seus fiéis, sem, contudo, indicar a causa que as motivou. Clemente Romano descreveu sobre cisões e até elogiou o comportamento dos coríntios até saber destas questões que dividiram a comunidade. Depois começou a emitir ensinamentos, conselhos e diligências aos cristãos da comunidade em Corinto para que parassem com as desavenças que estavam ocorrendo.

Por causa de súbitas e sucessivas calamidades e adversidades que nos sobrevieram, reconhecemos irmãos, ter prestado muito tarde a atenção a factos preocupantes que, entre vós, eleitos de Deus, tiveram lugar: a uma rebelião alheia e estranhas aos eleitos de Deus, indecorosa e sacrílega, que algumas pessoas temerárias e audazes, estimularam a um tal grau de falta de senso, que o vosso nome

venerável, admirável e estimado de todos os homens, foi grandemente enxovalhado (I CLEM, I,1).

Quanto as sucessivas calamidades que ele comentou, podemos inferir pela possível data estimada da redação da carta, que foram as perseguições pelas quais os cristãos passaram naquele período, provavelmente a de Domiciano. Essa liderança romana realizou uma perseguição por volta de 92 a 96 d. C, movida, entre outros motivos, pelo interesse de preservação da religiosidade romana e por acusar os cristãos de não praticarem os cultos romanos.

Mas não eram apenas os fatos externos que ele mencionou. A preocupação de Clemente Romano dizia respeito aos desentendimentos entre os cristãos de Corinto, o que propiciava uma imagem deturpada dessa comunidade para a sociedade. Essa situação significava para Clemente que os cristãos estavam dando exemplos de comportamentos que não correspondiam àqueles que os adeptos da nova crença defendiam, quais sejam: a união, a disciplina, a obediência, a hierarquia, dentre outros, que atraíam seus seguidores, exemplos que deveriam transparecer para a comunidade.

Clemente Romano ofereceu indícios de que o motivo das contendas se referia ao fato de que um grupo de jovens se colocou contra os anciãos, nomeados ao cargo pela inspiração espiritual dos Apóstolos. Na compreensão deles, estes presbíteros nunca fizeram nada que os pudessem dirimir, tal como mencionou em seu texto:

Sendo assim, reputamos injusto que sejam afastados do seu ofício aqueles que foram constituídos em autoridade por eles (os apóstolos) ou por outros honrados varões, com o consentimento de toda a Igreja, e serviram irrepreensivelmente o rebanho de Cristo, humilde, serena e dignamente, por longo tempo reconhecidos por todos. 4. Pois não será pequeno pecado rejeitarmos do episcopado aqueles que ofereceram irrepreensível e santamente os dons (I CLEM, XLIV, 3-4).

Clemente Romano não esclareceu por que os mais jovens estavam descontentes com a atuação dos anciãos e somente com o decorrer do seu discurso veremos as alegações de inveja e ciúmes por parte dos mais novos para com os mais velhos. Nesse caso, ao que parece, era uma disputa pelo prestígio e representatividade de um grupo privilegiado em decorrência de outro. Devemos ter em conta que conforme outro estudo realizado sobre Clemente Romano, a conduzida por Leite (2012), este nos fornece um histórico sobre quem era considerado jovem

neste período. Segundo Leite a juventude era compreendida como o período em que o homem está em seu maior vigor, isto é, entre os trinta e quarenta e cinco anos, aproximadamente.

Desta forma, podemos entender que estes jovens não eram adolescentes e sim homens mais velhos e que, assim, deveriam dar exemplo de conduta na comunidade. E Clemente Romano aconselhou que estes jovens não precisavam retirar os anciãos de seus cargos (I CLEM. XLIV,3), uma vez que não fizeram nada de pecaminoso que desse motivo para serem destituídos. Ou seja, ele estava defendendo a hierarquia que foi instituída pelos apóstolos, uma preocupação justificável diante das desavenças que poderiam atrapalhar os rumos das comunidades cristãs, tanto que Clemente Romano até elogiou os presbíteros no capítulo XLIV.6. e, também, os inocentou: “Verificamos, pois, que vós depusestes do ministério uns que dignamente se comportaram e governaram bem” (I CLEM, XLIV, 6).

Acerca da hierarquia apostólica na igreja cristã há um ensinamento na Carta que estabelece esta ordem com muita segurança e firmeza. Nela, Clemente Romano reforçou a hierarquia da comunidade como uma regra a ser seguida, demonstrando que o homem cristão deve seguir os preceitos estabelecidos para a comunidade.

Os apóstolos anunciaram-nos o Evangelho de Nosso Senhor Jesus: Jesus, O Cristo, foi enviado por Deus. 2. Sendo assim, se o Cristo foi enviado por Deus e os Apóstolos por Jesus Cristo, este e aqueles procedem ordenadamente da vontade de Deus. 3. De fato, depois de terem recebido o mandato, certificados pela ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, firmados na palavra de Deus e enfim confirmados pelo Espírito Santo, partiram a evangelizar que o Reino de Deus estava por vir. 4. Então, quando anunciavam a boa nova por povos e cidades, constituíam em autoridade as suas primícias, que eram aprovadas pelo Espírito Santo, para episcopos e diáconos dos que houvessem de vir a crer (I CLEM, XLII, 1).

O que Clemente Romano demonstrou na carta foi um esforço em estabelecer respeito à hierarquia da igreja, que já havia sido ordenada, e que não necessitava nenhuma mudança no seio da comunidade. Provavelmente, Clemente Romano estava consolidando a ordem na comunidade pela organização e definição das ocupações que cada um deveria ter. Ou seja, a comunidade seguindo o exemplo dado por Jesus Cristo e sendo referência para a sociedade a que pertencia.

A preocupação de Clemente Romano era direcionada também à coletividade na qual se encontrava, em como iriam interpretar essas desavenças na comunidade Cristã. Por isso, aconselhou aos rixosos que parassem com os desentendimentos e passassem a ser exemplo para a comunidade, ainda mais por que eram alvo das autoridades romanas, tendo em vista as perseguições promovidas por Nero (67 d. C) e ou Domiciano (92 - 96 d. C).

Essa preocupação era plausível, uma vez que Corinto, dominada pelo Império Romano, tinha um imperador que perseguia os cristãos, Domiciano (92-96 d. C.), na época de Clemente Romano. Este Imperador tinha o poder e a missão de manter a ordem e a paz no Império e esse controle emanava dos templos construídos em homenagem a ele, como uma imposição e reverência ao príncipe supremo. E uma forma de manter o respeito pelos dirigentes romanos era o ato de nomeá-los como patronos, benfeitores, salvadores, filho de Deus, que sugerem um status superior, e, em Corinto, não era diferente, pois foram encontradas inscrições à família imperial. Moedas circulavam com a efígie dos imperadores, templos eram construídos para o culto à família imperial. Ou seja, era um ambiente em que não se podia ignorar as autoridades que possuíam o poder, por isso a preocupação de Clemente Romano em não deixar transparecer a dissensão na comunidade cristã (HORSLEY, 2004).

Assim, diante dessa preocupação de Clemente Romano, ele indicou que os problemas que originaram essas brigas fossem resolvidos dentro da comunidade, sem apelar a nenhum tribunal dos homens a não ser os mandamentos de Deus, e, em seguida, alertou sobre os sentimentos de inveja e ciúmes. Clemente Romano citou como exemplos, os apóstolos Pedro e Paulo de Tarso, alegando que foram mortos por causa da inveja e do ciúme, o que poderia ocorrer também em Corinto como se pode observar na I Carta aos Coríntios, Cap. III, 2:

Daí surgiram a inveja, o ciúme, a querela e a sedição, a perseguição e a desordem, a guerra e a escravidão. 3. Deste modo, insurgiram-se os indignos contra os dignos, os ignóbeis contra os nobres, os insensatos contra os ponderados, os jovens contra os anciãos (I CLEM, III, 2).

Assim, podemos compreender que o motivo da Carta se deveu às cisões ocorridas em relação aos chefes da comunidade e as razões que as causaram foram ciúmes e inveja, possibilitados pelas disputas de cargos. Clemente Romano agiu no

sentido de defesa dos presbíteros, que até sugeriu a saída dos jovens contenciosos da comunidade para sempre. Ele determinou que deveriam colocar em primeiro lugar na vida cristã, os propósitos da comunidade em detrimento de si mesmos. Como se verifica no capítulo LIV.1., Clemente Romano aconselhou os rixosos a deixarem a comunidade:

Quem, pois, de vós é generoso? Quem de vós é compassivo? Quem de vós transborda de amor? 2. Que diga: se a revolta, a querela e os cismas são por minha causa, cedo o meu lugar. Saio daqui, para onde quiserdes, e faço o que for determinado pela comunidade. Que o rebanho de Cristo viva a paz com os presbíteros que foram constituídos em autoridade. 3. O que assim fizer receberá grande glória em Cristo e em qualquer lugar será bem recebido. De facto, ao Senhor pertencem a terra e a sua plenitude. 4. Assim actuaram e actuarão os que levaram uma conduta digna de Deus, da qual nunca há que arrepender-se. (I CLEM, LIV, 1-4).

Isto posto, cumpre afirmar que Clemente Romano procurou agir com a finalidade de afastar as crises por que passava a comunidade destinatária da carta que redigiu. Movidas pelas disputas internas, a situação de Corinto motivou o bispo a intervir chamando a atenção para os valores cristãos que, segundo acreditava, poderia resolver uma situação que não era compatível com os princípios que defendia e da religião que procurou expandir, segundo a doutrina de seu fundador e dos representantes apostólicos. Em seu clamor para a manutenção da unidade e da paz, ele chamou a atenção para o respeito às autoridades religiosas constituídas, além de sugerir um conjunto de valores que comporiam a formação dos cristãos.

4. O CARÁTER PEDAGÓGICO DA I CARTA AOS CORÍNTIOS

As ações realizadas por Clemente Romano objetivavam pacificar uma comunidade cristã conflituosa, movida, ao que parece, por posições discordantes entre os representantes mais jovens e os que se sentiam herdeiros da tradição apostólica. Em resposta às tensões, Clemente chamou a atenção para a obediência aos líderes e o respeito ao Cristo, tanto quanto aos valores inspirados por ele. Entretanto, essa decisão tinha um aspecto mais profundo, a formação do cristão. Por isso, a I Carta aos Coríntios manifesta um caráter pedagógico porque revela o itinerário de valores, entre os quais o amor, a humildade, a fé, a unidade da comunidade, entre outros, além de especificar.

4.1 Os Princípios Formativos da I Carta aos Coríntios

Conforme a compreensão de Bultmann (2008) a pregação missionária cristã no mundo dos gentios não se baseou apenas no querigma de Cristo¹⁴. Os seguidores de Jesus anunciaram um Deus único tanto quanto defenderam uma conduta fundada em virtudes, semelhantes às dos filósofos, mas, procuraram formar o homem ideal que desejavam. Os pensadores gregos, discutiram uma perspectiva de homem que eles entendiam como pleno porque, pela formação, procuravam alcançar as virtudes necessárias para aperfeiçoar a si mesmos e o conhecimento sobre o mundo físico e político.

Diferentemente, na doutrina cristã, os divulgadores da nova fé não se posicionaram na condição de filósofos (no sentido grego) porque a preocupação não era o livre exercício do pensar, mas outro aspecto importante: eles almejavam fazer com que a doutrina cristã prosperasse e se consolidasse como religião. Tinham o ser humano e a ação moral ditada pelo credo cristão como prerrogativas principais, portanto, se ocupavam com as práticas cristãs, mais do que justificativas filosóficas.

¹⁴ Querigma: Querigma, do grego, significa uma notícia de caráter público trazida por um arauto. No contexto da transmissão da fé, querigma é o primeiro anúncio de Jesus proclamando o Reino como uma nova e definitiva intervenção de Deus que salva com um poder superior àquele que utilizou na formação do mundo (MATOS, 2011, p. 50).

Desta forma, o propósito intrínseco da I Carta de Clemente Romano aos Coríntios foi estabelecer instruções para a comunidade e recomendar virtudes para consolidar uma conduta cristã exemplar, uma verdadeira educação ou *paideia* cristã tendo como fundamento a formação humana, levando o homem “[...] ao encontro e a um acolhimento de si mesmo e a uma magistratura (jurisdição, soberania e ajuizamento interno) quanto aos limites e possibilidades de seu agir” (SPINELLI, 2015, p. 29).

Movido por esse propósito, a preocupação de Clemente Romano, na Carta aos Coríntios, foi a formação/educação dos fiéis da comunidade para que vivenciassem os ensinamentos de Cristo e em Cristo. Todas as virtudes que ele elegeu e defendeu tinham por fim um modelamento comportamental do homem ideal que ele entendia que deveria ser o homem cristão. Ao se posicionar dessa forma, ele está contribuindo com a formação do homem cristão de Corinto (PEREIRA MELO, 2012).

Na concretização dos objetivos pretendidos, Clemente Romano encaminhou os cristãos para a realização de um propósito eclesial baseado na edificação da fé e nas virtudes necessárias ao homem cristão. Para isso, ele buscou exemplos do Antigo Testamento para justificar o que defendia. Entendeu que ele era “como livro-modelo para a ética” assim como exigia uma arte de interpretação e conhecimento perfeito e seguro daqueles que atingiram as profundezas do conhecimento divino (BULTMAN, 2008, p. 575). E, com esse conhecimento considerado perfeito, amparado pela fé, pelas obras e pelas virtudes que defendeu na Carta aos Coríntios, Clemente Romano estipulou um caminho para o novo homem imitador de Jesus Cristo. Nesse itinerário, uma das recomendações mais relevantes da qual utilizou foi a ênfase na missão da família, tal como destacou no capítulo XXI, 8.:

Os nossos filhos partilhem da educação em Cristo, aprendam a força que possui a humildade e o que pode o puro amor de Deus, e como o seu temor é belo, grande e salvador para todos os que santamente se convertem a ele com pensamento puro (I CLEM, XXI, 8).

A formação e educação em Cristo exigia uma família unida, dentro da ordem religiosa, conforme os ensinamentos cristãos. E, concomitantemente, a casa da família seria o espaço privilegiado para a formação cristã, portanto, o padre apostólico era categórico em demonstrar aos coríntios que esse seria o melhor lugar para se ministrar aos filhos o que significava viver “em Cristo”. “Para Clemente Romano, a

origem da rebeldia dos jovens da comunidade de Coríntios seria o fato de que não foram instruídos “em Cristo” [...]” (PEREIRA MELO, 2012, p. 193).

Estes ensinamentos deveriam ser ministrados principalmente pelos pais que, para Clemente Romano, seriam as pessoas ideais para ensinar estas virtudes aos filhos, bem como preservar a união que deveria reinar no núcleo familiar. Assim, se consubstanciaria o exemplo perfeito de unidade que reproduziria na comunidade cristã e, por consequência, também na sociedade em que viviam, ou seja, sob o Império Romano.

Também o instituto do matrimônio ajuda a ilustrar o peculiar mecanismo através do qual o cristianismo, que tendia a transcender o processo de mundanização, aprendeu a se defrontar com uma instituição fundamental como o matrimônio, cujos aspectos sociais vão da constituição da família à continuidade mesma da sociedade, através da geração e da educação de uma descendência (FILORAMO; RODA, 1997, p. 11).

Quando falamos em família no século de Clemente Romano, é necessário entender que esse conceito era mais amplo do que o nosso atual núcleo familiar: pai, mãe, filhos e parentes. O núcleo familiar não era definido somente pelo parentesco como também pela relação de dependência e subordinação. O chefe de uma casa era responsável pela sua família e esperava obediência deles, assim como a dos escravos, a dos libertos que se tornavam clientes e a dos trabalhadores que os serviam (MEEKS, 1992). Nesse caso, ser integrante de uma casa equivalia ser parte de uma rede mais ampla de relações. Dentro da casa, havia uma cadeia vertical, mas não de todo unilinear que ligava papéis desiguais, desde o escravo até o *pater familias*, no elo mais íntimo. Igualmente, incluía laços entre cliente e patrão e ainda várias relações análogas, porém, menos formais de proteção e subordinação. Entre esta casa e outras, havia laços de parentesco e de amizade que, muitas vezes, também acarretavam obrigações e expectativas. Essas ligações, entretanto, nem sempre eram necessariamente formais (MEEKS, 1992).

Deste modo, é possível entender o ato de Clemente Romano em privilegiar o núcleo familiar. Esse era o lugar perfeito para ministrar ensinamentos e comportamentos, uma vez que os cultos se realizavam em casas oferecidas, voluntariamente, pelas pessoas que se dedicavam à nova crença e instruíam os fiéis, conforme o modelo inspirado em Jesus Cristo.

A partir do momento que delimitou o ambiente familiar para iniciar e edificar a boa nova de Cristo, Clemente Romano enfatizou as virtudes que seriam alcançadas com o auxílio da disciplina formativa, uma formação direcionada pela família e, dentre as mais relevantes, constavam o amor ao próximo, a humildade, a fé, a fraternidade, a obediência e a disciplina; também a união e a paz na busca de um homem pacífico e manso, respeitador das leis de Deus e das leis terrenas.

4.1.1 O Amor

Entre as virtudes que caberiam ao cristão aprender, constava uma das mais fundamentais, o amor. Diferente dos gregos, que enfatizavam o amor físico, o conceito de amor no cristianismo estava caracterizado por outra forma de amar: era o amor ao próximo tal como, segundo a tradição, Cristo fez. Esse era um amor incondicional, em que se deveria acolher a todos os necessitados e, portanto, transcendia o aspecto carnal.

Segundo Silva (2010), foi Paulo de Tarso quem propôs uma interpretação para a palavra grega amor (eros) para uma outra forma de pensá-la e defini-la. *Ágape* designa um tipo de amor que excede ao fraternal e é essencialmente divino e, segundo a proposta cristã, resume a essência de Deus e regula as relações com a divindade e com o próprio homem. Portanto, todo o código ético-moral cristão parte desta premissa: o amor.

Conforme as considerações de Theissen (2009), os valores fundamentais do *ethos*¹⁵ cristão primitivo eram, fundamentalmente, o amor ao próximo e a renúncia ao *status*. Estes conceitos representavam um comportamento comum que deveria guiar os cristãos, ainda que esses valores já estivessem presentes na tradição judaica. A respeito do amor ao próximo, os propagadores da nova crença iniciaram as suas convicções sobre o *ethos* conforme suas necessidades. Por exemplo, Paulo de Tarso, em 1Ts 3,12, apresentou o “amor mútuo e para com todos os homens” (BÍBLIA DE

¹⁵ Ethos: A noção de “etos” indica uma moral conservada socialmente, tal como é característica para um grupo, uma profissão, um estado, uma sociedade. Não quer dizer que esse etos seja sempre praticado na respectiva comunidade, mas ele é reconhecido. Ele é o fundamento para a distribuição da honra e da desonra. Ele se expressa em sentenças e máximas e em uma tendência de comportamento (THEISSEN, 2009, 97).

JERUSALÉM, 2002, p.2062), mas, diversamente, em Gl 6,10, ele elencou uma escala nesse amor por meio da qual exortou: “Pratiquemos o bem para com todos, mas sobretudo para com os irmãos de fé” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2038). Paulo de Tarso estava privilegiando os adeptos nas suas recomendações como se dissesse para praticar o bem, entretanto, quando estivesse entre um desconhecido e seu irmão de fé, a recomendação era a de amar mais seu companheiro de fé.

Segundo a tradição, alguns exemplos protagonizados por Jesus Cristo parecem enfatizar o modo como o amor poderia ser compreendido e praticado. O acolhimento do estrangeiro, na parábola do bom samaritano e o da mulher adúltera, que foi protegida e perdoada por Jesus, ilustram a atitude amorosa dele. Representa a forma de amor ao próximo a partir do qual havia o acolhimento de todos sem distinção e a inexistência de atitudes discriminatórias por parte de Jesus Cristo. Pelo contrário, o amor era incondicional (THEISSEN, 2009).

A esse respeito Bultmann (2008) partiu do pressuposto de que o amor cristão recebeu características próprias. Para ele, o “servi-vos uns aos outros” (Gl 5.13) ganha seu caráter pelo acréscimo “mediante o amor”.

Pois a liberdade que é própria do crente, ele a tem como escravo do Senhor (§ 38,1), e não estando ele mesmo sob a Lei se tornou, por isso, um escravo dos que estão sob a Lei, e para os sem Lei, um sem Lei, porque ele está na Lei de Cristo. A Lei de Cristo (Gl 6.2), porém, é a exigência do amor. O carregar os fardos um dos outros, que é mencionado como o cumprimento dessa Lei, outra coisa não o é senão uma manifestação do servir uns aos outros pelo amor. É o amor que edifica a comunidade e que, por isso, exige a renúncia à autoridade (BULTMANN, 2008, p. 418).

Desta maneira, o sentido do amor ao próximo, conforme os ensinamentos deixados por Jesus Cristo, recebeu conotações diversas, de acordo com as interpretações que os propagadores se apropriavam para divulgar a nova crença. Cada um possuía uma visão que se distanciava ou não do *ethos* da nova religião. E, na compreensão de Clemente Romano, a instrução da comunidade pressupunha a formação desse valor. Embora compreendesse a dificuldade dessa tarefa, estabeleceu como condição a punição dos faltosos e a correção deles. No capítulo LIX,1, ele afirmou: “Mas se alguns desobedecerem aos conselhos que por nós Ele vos dirigiu, saibam que incorrerão em falta e em não pequeno perigo” (I CLEM, LIX, 1.). Portanto, o castigo corretor era uma maneira “amorosa” de impedir faltas graves.

Assim, Clemente Romano reiterou no cap. LI. 2 o fato de que a vida deve implicar no amor como também no temor: “Pois aqueles que vivem uma vida em temor e amor preferem sofrer o desprezo a comprometer a concórdia que bela e justamente nos foi transmitida” (I CLEM, LI, 2). Ele sugeriu, em seu discurso, outra forma de amor: aquele que se remete ao comportamento de Jesus Cristo. No capítulo XLIX, Clemente Romano destacou esse amor apresentando o vínculo dele com Deus, a sua grandeza e a concórdia que ele promove.

4.1.1.1 Aquele que tem amor a Cristo, cumpra os mandamentos de Cristo. 2. O vínculo do amor de Deus quem o poderá narrar? 3. A grandeza da sua beleza, quem será capaz de a exprimir? 4. A altura a que nos guinda o amor é inefável. 5. O amor une-nos intimamente a Deus. O amor cobre a multidão dos pecados. O amor tudo suporta, o amor é paciente. No amor não há nada de vulgar nem de orgulho. **O amor não se divide.** O amor não fomenta revolta. **O amor tudo faz em concórdia.** Foi no amor que todos os eleitos alcançaram a perfeição. Sem o amor nada é agradável a Deus. 6. Foi no amor que Deus nos atraiu a si. Foi por causa do amor, que Jesus Cristo, nosso Senhor, por vontade de Deus, deu seu sangue por nós, sua carne pela nossa carne e a sua alma pelas nossas almas (grifo meu) (I CLEM. XLIX, 1- 6).

Ao enfatizar o amor, ele descreveu-o em sua grandeza porque foi concebido pelo Cristo. Amar incondicionalmente seria, na compreensão de Clemente Romano, uma condição que promove o bem comum, em detrimento de si. Este *ágape* cristão se consubstanciava no acolhimento dos desamparados, dos alijados da sociedade, dando proteção a todos indistintamente. Para corroborar essa forma de amor, Pereira Melo (2012) considerou o fato de que as atitudes dos coríntios não eram consideradas compatíveis com o comportamento “em Cristo”, com a disciplina “em Cristo”. Por isso, Clemente Romano lançou mão de outro conceito grego – Cristo *agogé*, ou seja, uma disciplina ou guia cristã, cuja finalidade era determinar uma conduta desejável, ideal e própria do cristão, orientada para o cumprimento dos mandamentos “em Cristo” [...] a preocupação foi mostrar aos coríntios que eles precisavam retomar um comportamento “em Cristo e conhecer e vivenciar um *ágape* cristão, uma disciplina “em Cristo” (PEREIRA MELO, 2012, p. 194).

Conforme as convicções cristãs, Clemente Romano procurou fundamentar sua proposta no comportamento de Jesus Cristo, tido como modelo para o novo homem. Clemente Romano exaltou este *modus vivendi* para a comunidade de Corinto porque

considerou que seus adeptos deveriam seguir os passos de seu mestre. Entretanto, ele se decidiu pelo amor corretivo, ou seja, para proteger a comunidade de heresias, suas instruções e normas de conduta prezavam pela repreensão que deveria levar ao arrependimento. A correção era um ato de amor.

A partir disso, Clemente Romano sugeriu que o amor não se limita ao ambiente familiar pois se estendia também a estranhos e excluídos. O que parece ficar evidente é o fato de que quando amamos a nós mesmos e a família, é muito mais conveniente, porém, quando ele se dirige ao inimigo, é quase impossível. A recomendação do cristão, entretanto, é justamente essa: não há mérito em amar os que já são próximos e sim aqueles de quem não gostamos¹⁶. Dessa maneira, este amor pode falhar quando se refere ao inimigo, pois devemos amá-los também, o que não seria como a nós mesmos e sim numa escala maior de desprendimento (THEISSEN, 2009, p.103). A recomendação de Clemente Romano a esse respeito é justamente a de que devemos ser misericordiosos e a de perdoar os que cometeram falta, além da necessária humildade:

Assim disse pois: Sede misericordioso para que alcanceis misericórdia. Perdoai, para que vos perdoe. Como fizerdes, assim se vos fará; como derdes assim vos será dado; como julgardes, assim sereis julgados; como fordes benignos, assim serão convosco: na medida em que medirdes, com essa sereis medidos. 3. Agarremo-nos a este mandamento e a estes preceitos, para caminharmos humildes e obedientes às suas palavras incontestavelmente santas, pois diz a santa Escritura: 4. Para quem voltarei meu olhar, senão para o manso, o pacífico e o que teme as minhas palavras? (I CLEM, XIII., 2).

Tudo indica que essas recomendações tinham o propósito de exortar a comunidade de Corinto para que superassem as contradições e disputas entre grupos. Ao propor um modelo formativo que tinha Cristo como modelo, Clemente Romano destacou o valor do amor como uma virtude fundamental que promove a paz e a concórdia. Por isso, ele aconselhou os revoltosos a saírem da comunidade, que

¹⁶ Lc 6, 27-33: Eu, porém, vos digo, a vós que me escutais: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizei os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam, A quem te ferir numa face, oferece a outra; a quem te arrebatar o manto, não recuses a túnica. Dá a quem te pedir e não reclames de quem tomar o que é teu. Como quereis que os outros vos façam, fazei também a eles. Se amais os que vos amam, que graça alcançais? (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1799).

assumissem a culpa e, de forma resiliente, abandonassem os seus cargos e acatassem as ordens da comunidade.

Quem, pois, de vós é generoso? Quem de vós é compassivo? Quem de vós transborda de amor? 2. Que diga: se a revolta, a querela e os cismas são por minha causa, cedo o meu lugar. Saio daqui, para onde quiserdes, e faço o que for determinado pela comunidade. Que o rebanho de Cristo viva em paz com os presbíteros que foram constituídos em autoridade. 3. O que assim fizer receberá grande glória em Cristo e em qualquer lugar será bem recebido. De facto, *ao Senhor pertencem a terra e a sua plenitude*. 4. Assim actuaram e actuarão os que levaram uma conduta digna de Deus, da qual nunca há que arrepender-se (I CLEM, LIV. 1-4).

Ao que parece, essa postura assumida por Clemente Romano sugere que havia membros comunitários que não estavam dispostos a seguir os ensinamentos de seu mestre. Provavelmente, Clemente Romano estava defendendo apenas a integridade da comunidade e não os revoltosos. Assim, ao recomendar a saída dos membros rixosos, Clemente Romano está evocando o castigo corretor para seus membros e esses deveriam acatar o que foi prescrito, num exílio voluntário, para o que considerar ser o bem da comunidade. Mas quando temos em mente que um dos maiores mandamentos é o amor ao próximo, a recomendação de Clemente Romano para que os revoltosos saíssem da comunidade se justifica como amor corretivo. Isso se deve pelo fato de que o amor ao próximo baseado nas ações de Jesus significava acolher aos pecadores arrependidos. Era necessário além de amor mais uma virtude fundamental, a humildade.

4.1.2 A Humildade e a Fé

Entre os valores mais reconhecidos e difundidos pelo cristianismo, constam a humildade e a fé. Para Clemente Romano, eles são fundamentais na constituição do homem cristão. No caso da humildade, na tradição sinótica¹⁷, era entendida como

¹⁷ Tradição sinótica – essa palavra sinótica indica com que facilidade Mateus, Marcos e Lucas podem ser postos em colunas paralelas e vistos sinoticamente, isto é, em um relance (CROSSAN, 2004, p. 61).

virtude social e tinha como pressupostos algumas premissas. Na primeira delas, “a interpretação do agir de Deus à luz do axioma de mudança de posição como humilhação e elevação salvíficas”. Como se pode compreender, sobretudo quando se considera a palavra do evangelista Lucas (1, 52), “Deus faz valer sua salvação à medida que ele derruba dos tronos os poderosos e eleva os humildes”. E essa mudança de *status* vamos ver no nascimento do Messias, pois ao ser gerado por uma mulher simples, do povo, extrai-se uma mensagem em relação ao novo rei, em que ocorre uma transformação na visão que havia sobre o conceito de humilhação que passou a ser vista como elevação. Um olhar de esperança na grande mudança escatológica que viria a acontecer um dia, em que todos seriam irmãos (THEISSEN, 2009, p.112).

Uma segunda premissa para o desenvolvimento deste conceito de humildade como virtude pode ser compreendido como um ideal humano de soberano a que pertence a autolimitação do senhorio mediante a renúncia ao *status*. Ela é traduzida na figura de Jesus Cristo entrando em Jerusalém montado num jumento e o Evangelho de Marcos (10, 45) sugere que o filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir a todos com a doação da própria vida. Nesse caso, ele é tanto um modelo para seus discípulos quanto um antítipo para os governantes terrenos, que oprimem as nações e abusam do poder contra as pessoas (Mc 10, 42). Assim, na tradição sinótica, a humildade é a “renúncia ao *status*”, o que se consubstancia na verdade a uma conveniência ao seu *status* inferior mediante a submissão, sem que se veja nisso uma virtude, conforme as palavras de Theissen (2009). Para este estudioso, a “humildade é *imitatio* da soberania que voluntariamente renuncia ao *status*. Humildade é virtude dos poderosos” (THEISSEN, 2009, p.113).

Em relação a esse conceito de humildade como virtude dos poderosos, este contrasta com o que a nova crença quer para este homem. Conforme argumentou Clemente Romano (I CLEM, XVI, 1), inspirado pelo NT, essa virtude deveria ser uma atitude comum na comunidade que estava em formação. Os homens, imitadores de Jesus Cristo, deveriam perseguir uma conduta modesta, mesmo sendo de uma posição superior, respeitando o seu semelhante, fosse ele pobre, rico, doente e aflito, sem prejulgamentos e com respeito mútuo entre os homens. E, assim, Clemente Romano exaltou que esta virtude era uma maneira de se comportar dignamente tanto na comunidade como nas relações com a sociedade. Tendo em vista que havia

desigualdades no século I a orientação cristã para superação das dificuldades sociais era a humildade, seja pela renúncia ao *status* daqueles que exerciam cargos superiores, seja pela consideração aos que eram inferiores em relação às comunidades cristãs. Considerando que entre os cristãos havia também pessoas mais abastadas, talvez uma minoria, fica subentendida esta preocupação com os mais pobres que aderiam à nova crença e necessitavam de amparo na reunião cristã e na sociedade romana.

Tais aspectos sugerem que Clemente Romano orientou a prática da humildade aos coríntios para as autoridades da comunidade e para os governantes quando escreveu na oração final no capítulo LX que a paz e a concórdia são próprias dos que praticam a fé, principalmente aqueles que representam a comunidade:

4. Dá-nos concórdia e paz a nós e a todos os que habitam a terra, como as deste aos nossos pais, que te invocaram santamente na fé e na verdade; para que obedeçamos ao teu onipotente e santo nome e aos olhos das autoridades que nos governam (I CLEM., LX, 4).

De acordo com Pereira Melo (2011) é provável que Clemente Romano tenha conclamado aos coríntios a praticar a humildade, o amor e a harmonia, além do respeito e tantas outras virtudes, para que a igreja realizasse o seu fim aqui na terra. Para esse autor, afinal, não era outro o comportamento esperado daqueles que foram chamados a exercer essa condição especial, dádiva obtida por meio de Cristo. E o maior exemplo que Clemente Romano destacou foi a humildade de Jesus Cristo, quando ele descreveu a previsão de Isaías, no AT, sobre como seria a humildade oriunda do mestre neste mundo.

Não há dúvida de que Cristo é dos humildes e não dos que se rebelam contra o seu rebanho. 2. O ceptro da majestade de Deus, o Senhor Jesus Cristo, não veio com o clamor da jactância nem com fausto, ainda que tivesse poder, mas humilhou-se como dele referiu o Espírito Santo¹⁸, que diz: 3. *Quem, Senhor acreditou na nossa palavra? E a quem se revelou o braço do Senhor? Nós o anunciámos na sua presença: “como uma criança, como raiz que dentro da terra anseia por água”. Ele não tem aspecto nem glória: nós vimo-lo sem aspecto nem beleza; mas o seu aspecto era desprezível, comparado ao dos homens; era um homem de dores e sofrimento e experimentado em*

¹⁸ Is. 53, 2-12 faz parte do quarto canto do Servo do Senhor (Is 52,12 -53,12). Esse texto constitui uma referência basilar da teologia messiânica dos primeiros autores cristãos. Cf. Justino, *Diálogo* XIII, 2-9; I *Apo*/L, 5 (LAMELAS, 2001, p. 75).

suportar fraqueza, porque o seu rosto se encontrava completamente desfigurado, desonrado e depreciado. [...] (I CLEM. XVI, 1-3).

Assim sendo, segundo consta nos relatos bíblicos, Jesus Cristo é apresentado como um ideal humano de soberano, pois se apresenta também com humildade, renunciando ao seu *status*, (Zc 9,9 = Mt 21,5; cf. Jo 12,15). Ele é o rei humilde, embora fosse considerado o filho de Deus e, nessa condição, poderia exercer todo o seu poder divino, mas renunciou a ela até a extrema humilhação na cruz (THEISSEN, 2009, p.113).

Conforme ressaltou no capítulo XVI; 1, exemplificando a humildade de Cristo, que deveria ser imitada pelos membros das comunidades:

Cristo está entre os humildes, e não entre aqueles que se sobrepõem ao seu rebanho. 2. O Senhor Jesus Cristo, cetro da majestade de Deus, não veio, embora pudesse, no alarde da arrogância ou da soberba, mas humilde, conforme o Espírito Santo havia dito sobre ele (I CLEM., XVI, 1).

As considerações de Clemente Romano para justificar a humildade como valor, parte dos relatos bíblicos sobre o nascimento de Jesus, conforme narrado nos quatro Evangelhos. Nestes textos sagrados, os relatos indicam que Jesus Cristo veio ao mundo numa manjedoura e sua mãe deu à luz num lugar simples, cercada por animais. Ele não nasceu em um palácio, o que aludiria para uma condição de nobreza. Os relatos bíblicos, ao contrário, enfatizam, o lado humilde da humanidade de Cristo e, assim também deveria ocorrer com os cristãos: deveriam agir com humildade e se posicionar ao lado dos que sofriam e não possuíam bens.

Sendo assim, irmãos, sejamos humildes de coração, pondo de parte toda a vanglória, cegueira, insensatez e ressentimentos, e pratiquemos o que está escrito. De fato, o Espírito Santo diz: “Não se glorie o sábio, na sua sabedoria, nem o forte na sua força, nem o rico na sua riqueza, mas quem se gloria, glorie-se no Senhor, no procurar que Ele não só faz o juízo como também a justiça”. Lembremo-nos, sobretudo, das palavras do Senhor Jesus ensinava, quando pregava a benignidade e a longanimidade (I CLEM, XIII, 1).

De tal modo a humildade foi um recurso usado por Clemente Romano para atingir um ideal de homem com conhecimento e fé em si mesmo. Provavelmente, foi uma forma de auxiliar este homem a se preparar para uma vida simples, como a do

maior modelo para eles, Jesus Cristo. A ideia parece ser a de que os cristãos deveriam viver na comunidade pacificamente, com uma conduta que não os prejudicasse, sobretudo em relação à política do Império Romano. Essa foi uma maneira de Clemente Romano educar e formar a comunidade, uma vez que muitos não tinham acesso a uma instrução, moral ou intelectual.

Entretanto, embora o amor e a humildade fossem relevantes na composição dos valores pretendidos, eles pressupunham outros, entre os quais a fé. Ela foi e é considerada um dos princípios mais fundamentais da doutrina cristã. A fé tem centralidade no conjunto dos valores difundidos pelo cristianismo. Sobre esse assunto, segundo os relatos de Ruiz Bueno (2002) a carta de Clemente Romano, enfatizou o fato de que “[...] apenas aqueles que não vivem a fé podem imaginar uma divisão na alma do crente, uma luta ou agonia entre o fato íntimo da fé e a cerca protetora da autoridade” (RUIZ BUENO, 2002, p.130). A fé para Clemente Romano e para os cristãos era o ponto crucial para todos que estavam seguindo os ensinamentos de Jesus Cristo. A definição de fé para esse padre apostólico, conforme ressaltado nos capítulos XXXI.2 XXXII e XXXIV 3., era uma verdadeira inspiração e formação provenientes da sabedoria divina e, por meio dela, se alcançaria a vida eterna com Deus. As obras e a caridade também eram imprescindíveis e, ao recomendar as obras junto com a fé, Clemente Romano emitiu as coordenadas para o novo cristão se mostrar digno da salvação em Cristo. Contudo, no capítulo XXXII. 3, constata-se o alerta de Clemente Romano: em primeiro lugar vive-se pela vontade de Deus e, em segundo lugar, com um comportamento digno para agradar a Deus.

Sendo assim, todos estes não foram glorificados nem celebrados por si próprios, nem por obras suas ou feitos que executassem, mas por vontade dele. 4. Sendo assim, também nós, tendo sido chamados pela sua vontade em Cristo Jesus, não nos justificamos a nós próprios pela nossa sabedoria, nem pela inteligência, piedade ou obras que fizéssemos em santidade de coração, mas pela fé, pela qual Deus, o Todo Poderoso, a todos justificou, a quem pertence a glória pelos séculos dos séculos. Amém (I CLEM., XXXII, 3).

Em contrapartida, é possível que Clemente Romano estivesse defendendo veementemente os ensinamentos que redigiu na carta. Entretanto, ele não elencou nenhuma dessas virtudes como preponderante sobre as demais. Ele exaltou vários comportamentos e mandamentos para o homem cristão, no conjunto de valores que

tomou como certo. Entretanto, também compreendeu que a vontade de Deus era a que decidiria quem seria digno de entrar no reino dos céus com Ele e com seu filho Jesus Cristo.

Aceitai o nosso conselho e não vos haveis de arrepender. Pois Deus vive, e vive o Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo, a fé e a esperança dos eleitos, porque aquele que, em espírito de humildade e perseverando na moderação, praticou os preceitos e mandamentos dados por Deus, esse será alistado e contado no número dos salvos por Jesus Cristo, pelo qual a ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém (I CLEM., LVIII. 2).

Além do mais, advertiu os coríntios, com muita autoridade e incentivo ao comportamento por meio da fé e obras, a fim de que cumprissem com os mandamentos e realizassem as obras necessárias. Igualmente, ele demonstrou que, para isso, haveria de ter obediência e caridade na comunidade de Corinto na boa nova que se iniciava.

Sendo assim, que devemos fazer, irmãos? Havemos de negligenciar as boas obras e abandonar a caridade? Nunca Deus permita que tal nos suceda; pelo contrário, apressemo-nos com todo ardor e coragem a levar a cabo toda a boa obra. 2. Pois o próprio Criador e Senhor de todas as coisas também se regozija com as suas obras (I CLEM., XXXIII, 1).

Para respaldar seu ensinamento, Clemente Romano citou como exemplo de obediência e fé, a prostituta Raab. A partir disso, enfatizou a salvação dela com base na sua boa ação. Raab não era uma seguidora do Deus judaico, mas teve boas obras, como Clemente Romano destacou:

1. Por causa da fé e hospitalidade, salvou-se Raab, denominada a prostituta. 2. Quando Josué, filho de Nun, enviou secretamente espias a Jericó, chegou ao conhecimento do rei da terra que eles tinham chegado para reconhecer o seu país, e mandou homens que os prendessem, para serem sentenciados à morte. 3. Mas a hospitalidade de Raab recebeu-os em casa e ocultou-os no terraço, com palha de linho (I CLEM., XII, 1-3)

Clemente Romano explicou que, em Raab, não havia só fé, mas também ação, virtudes essenciais para se alcançar a verdadeira sabedoria para o cristão. Não foi por acaso que o autor escolheu o exemplo de Raab, porque nele estão contidos o

que os homens sentiam, pois, se uma prostituta alcançou graça e salvação, todos aqueles que se convertessem à nova doutrina, independente de seus feitos passados, teriam uma nova chance de se reconciliarem com Deus e com a comunidade cristã.

Com Jesus Cristo como modelo, o cristão deveria se comportar de uma forma a respeitar o próximo como se fosse sua própria família, numa relação pautada no afeto e na fraternidade universal. Não seria mais suficiente somente a fé, mas a fé teria que ser acompanhada de boas obras, e o vínculo da perfeição dessas boas obras era o amor. Esse valor era, para o cristão, indispensável na composição de uma comunidade fraterna.

4.1.3 A Fraternidade

No conjunto dos valores que caracterizam as comunidades e práticas cristãs, consta as relações fraternas estabelecidas como uma ação importante. É reconhecida na tradição a acolhida fraternal daqueles que se dispõem à prática da fé, tal como explicitado na Didaqué (2002), um dos textos mais antigos da catequese cristã. Também Clemente Romano exaltou, entre as boas atitudes da comunidade de Corinto, a boa hospitalidade, que era uma regra importante, conforme se configura nos capítulos I,1-3 e II, 1-7:

2 Quem houve pois que vos tivesse visitado e não apreciasse a verdadeira virtude e firmeza de vossa fé? Não admirasse a sábia e consentânea piedade em Cristo? Não proclamasse a vossa generosíssima hospitalidade?¹⁹ e não felicitasse a vossa acabada e firme ciência divina? (I CLEM, I, 2).

Ainda que hospitalidade fosse uma ação importante entre os cristãos, ela era reconhecida como uma virtude presente entre os gregos e já mencionada em Homero. De acordo com Meeks (1997) a hospitalidade era uma virtude apreciada no Oriente Médio e na tradição grega, Odisseu era tido como o paradigma do viandante, cujos variados destinos nas mãos de seus hospedeiros exemplificavam a virtude da

¹⁹ O tema da “hospitalidade” reaparece noutros passos da Carta (X, 7; XL, 1; XII, 1; xxxv, 5), e é um dos valores mais caros às primeiras comunidades cristãs, cf. Didakê !!-12; Justino, 1 Apol. 67; Tertuliano, Apol. 39; Ch. Munier, Hospitalité Cristiana, in DPAC II. 2545-2546 (LAMELAS, 2001, p. 47).

hospitalidade ou o vício do maltrato aos estrangeiros. Para os cristãos, um movimento difundido pelos itinerantes, a hospitalidade tinha um significado especial. Na grande parábola das ovelhas e cabritos de Mateus, o Filho do Homem diz aos que estão à sua direita: “Eu era estrangeiro e me acolhestes”, mas aos outros, “Eu era estrangeiro e não me acolhestes”. Em seguida, ele explica que a sua situação era a dos “menores”, que, em Mateus, são especialmente os pregadores itinerantes do evangelho, descritos no capítulo 10 nas pessoas dos Doze, mas talvez podem ser também outros membros marginalizados do movimento cristão (Mt 25, 34-36) (MEEKS, 1997, p. 105).

Assim, constata-se uma preocupação com uma das virtudes mais proeminentes da igreja cristã, uma vez que os cristãos também se consideravam estrangeiros na terra. Por esse motivo, necessitavam ser bem recebidos onde se estabeleciam. Isso se deve pelo fato de que apóstolos e profetas, que possuíam uma vida de viajantes para propagarem a nova fé, necessitavam de uma rede de acolhimento, o que viabilizou o ministério por onde quer que passassem (MEEKS, 1997).

Quanto à fraternidade, uma consequência da hospitalidade, Clemente Romano remeteu-se à dissensão entre os coríntios, entendendo-a como a falta dessa virtude cristã, que se funda no amor: “[...] cada qual abandonou o temor de Deus e obscureceu a sua fé e já não caminha segundo as normas dos mandamentos, nem se comporta duma maneira digna de Cristo” (CLEMENTE, 2001, p. 53). Os cristãos de Corinto necessitavam ser lembrados que eram irmãos em Cristo, que formavam uma família fraterna, onde todos deveriam ser solidários para serem exemplo e atraírem mais fiéis para a nova crença. Quando os cristãos se disponibilizavam voluntariamente, se reuniam em suas casas para os louvores e ritos da nova crença. Este ato significava a hospitalidade e fraternidade e a solidariedade com que acolhiam e admitiam a todos os membros, e com que disciplina familiar exerciam papel decisivo na evangelização de todos (JEFFERS, 1995).

4.1.4 A Disciplina

Para além da fraternidade como um valor essencial, Clemente Romano destacou outro não menos importante, na composição do perfil cristão que desejava formar, a disciplina. A função dela era a de instruir nos padrões cristãos a partir de um rigor comportamental, segundo um conjunto de regras. Ela também implica um nível de coerção a fim de que transgressões sejam evitadas. Nesse aspecto, a formação cristã conferiu importância fundamental no papel da família em moldar o comportamento cristão pretendido desde a mais tenra infância, mas também exortou os mais velhos e os dirigentes das comunidades para a manutenção da ordem da religião cristã. A pureza da comunidade não tinha como finalidade apenas a salvação individual, mas de todos os adeptos, pois o propósito era ser uma comunhão dos santos como um todo.

O enfoque numa conduta cristã digna perpassa por uma disciplina que foi exortada por meio de advertência ou castigo, educando os indivíduos e até excluindo membros indignos. A responsabilidade por esta disciplina se dirigia a todos os membros da comunidade e Clemente Romano alertou em 1Clem 56.2 essa importância: “admoestai uns aos outros ou reciprocamente”. Especialmente pais e mães têm o dever de educar a prole ou a família (1Clem 21.8) e, por conseguinte, os mais velhos teriam esse dever para com os mais jovens (1Clem 21.6). Aos dirigentes cabia a missão de educar e repreender (1Clem. 7.1) (BULTMANN, 2008, 684).

Assim, os cristãos foram alertados na carta sobre as virtudes e caminhos pelos quais o cristão deveria trilhar, capítulo XXI, 6-7:

Reverenciamos o Senhor Jesus cujo sangue por nós foi derramado. Respeitemos os nossos superiores. Veneremos os presbíteros. Inculquemos aos novos a disciplina e o temor de Deus. Eduquemos as nossas esposas no bem. 7. Adquiram o amável costume da pureza, demonstrem um puro desejo de docilidade, evidenciem a discrição de sua língua com o silêncio, ofereçam o seu amor não sob forma de provocações, mas santamente e por igual a todos os que temem a Deus (I CLEM., XXI, 6-7).

Na segunda parte da carta, no capítulo XXXVII, Clemente Romano fez mais uma admoestação sobre a disciplina ao proferir a comparação da ordem na comunidade com a organização militar, ensinando sobre a obediência devida aos superiores. É provável que esse fosse um exemplo inspirado no exército romano, uma

organização que emanava ordem e disciplina. No capítulo XXVII, foi citada essa ordenação com veemência.

Militemos, pois, corajosos irmãos, com perseverança, nas suas irrepreensíveis fileiras. 2. Consideremos como os soldados, subordinados às nossas autoridades, executam pronta, ordenada e docilmente as suas ordens. 3. Nem todos são perfeitos, nem todos os tribunos, nem todos os centuriões, *mas cada um, no lugar que lhe compete*, executa as ordens do rei e das autoridades (I CLEM., XXVII, 1-3).

Clemente Romano demonstrou com este exemplo a obediência exigida para um servo do Senhor e disciplinado nos mandamentos cristãos e, ao descrever exemplos pagãos, exaltou a submissão de reis que se sacrificaram pela comunidade, como no capítulo LX. I.

A este propósito, poderíamos também aduzir exemplos de gentios: muitos reis e chefes, em ocasião de calamidade, depois de consultarem o oráculo, entregaram-se à morte, para libertarem os cidadãos mediante o seu próprio sangue. Muitos outros saíram das suas cidades, para pôr fim à rebelião. 2. Sabemos que, entre nós, muitos se entregaram às cadeias, para resgatarem outros; muitos ainda se entregaram à escravidão e, com o seu preço, mataram a fome a outros (I CLEM., LV, 1-2).

Clemente Romano, ao descrever exemplos pagãos, os mais próximos dos quais podia utilizar, estava moldando o homem cristão para a nova crença e o convívio social, e esse homem deveria aceitar com humildade e fé numa vida eterna, o que lhe foi designado como destino de vida no seu presente, sem almejar uma vida melhor a não ser o que fosse determinado pela crença e pela vida. Clemente Romano estava formando esse homem para a obediência na família, resignado ao seu quinhão, além de conduzir para a vida em comunidade. Nela, estaria pronto para trabalhar na obra cristã e no seu sustento e, desse modo, o trabalho adquiriu uma conotação de missão, serviço que deveria ser desempenhada e dedicada ao Senhor. A ambição era considerada um pecado aos olhos do Senhor, “Os cristãos primitivos estavam mortos para os negócios e os prazeres do mundo [...]” (GIBBON, 2012, p. 50). A ocupação com a comunidade e a nova crença passou a ocupar os novos fiéis e seus dirigentes.

Enfim, Clemente Romano advertiu que o bom trabalhador recebe o pão com a cabeça erguida, enquanto o preguiçoso e o negligente deveriam sentir vergonha de

seu comportamento. Ele declarou que Deus é quem retribui a cada um segundo a sua boa obra, exortando que cada um deve entender o trabalho como uma forma de serviço a Deus e à comunidade. O cristão, então, deveria ser disciplinado no que diz respeito ao trabalho desenvolvido. De certa maneira, o trabalho na perspectiva de Clemente Romano, enquanto serviço missional, promoveria a solidariedade e a união na comunidade.

4.1.5 A União na Comunidade

Em relação à comunidade de Corinto, Clemente Romano não se referiu de modo diferente daquelas virtudes advertidas para a família cristã. É nas relações entre seus membros que ele advertiu sobre os ensinamentos cristãos: indicou a conduta que a comunidade tinha antes das discórdias que ele tentou superar e, capítulo II, 3, mencionou a fraternidade como condição fundamental para estabelecer a concórdia comunitária.

Combatíeis, dia e noite, pelo interesse de toda a fraternidade, a fim de que na piedade e na concórdia de sentimentos se salvasse o número dos seus eleitos. 5. Éreis sinceros, simples e puros e sem rancor para com os demais. 6. Toda rebelião e todo o cisma era-vos abomináveis. Condoíeis-vos com os pecados do próximo (I CLEM., II, 4-5).

Essa postura de Clemente é reveladora porque demonstra as contradições existentes na comunidade para a qual ele endereçou a carta, recomendando os meios pelos quais seria possível construir laços comunitários sólidos. Para ele, a comunidade necessitava ser alertada sobre os atos que estavam perturbando o andamento da missão cristã e Clemente Romano utilizou de um tom fraterno por meio do qual comparou as crises dos irmãos de fé com um combate em que devem ser superados as coisas vãs para experimentar uma vitória gloriosa.

VII. Escrevemos estas coisas, caríssimos, não só para vos admoestar, mas para delas nos recordarmos nós próprios pois nos encontramos na mesma arena e o combate que nos espera é o mesmo. 2. Por isso deixemos as vãs e inúteis preocupações e sigamos a gloriosa e venerável norma da nossa tradição. 3. E vejamos o que é bom, o que

é agradável, o que é aceitável aos olhos daquele que nos criou (CLEM., VII, 1-3).

Para reforçar a união na comunidade, Clemente Romano recomendou o exercício dos ensinamentos de Cristo, entre eles a santidade, a justiça o carisma da fé e a sabedoria necessária para discernir as ações. -

Posto que haja muitas portas abertas, esta porta da justiça é a de Cristo, pela qual são bem-aventurados todos os que entraram e caminharam rectamente em santidade e justiça, realizando tudo tranquilamente. 5. Que um tenha o carisma da fé, outro seja forte em explicitar o conhecimento, outro seja sábio no discernimento dos discursos, outro seja casto nas obras. 6. Pois quanto maior pareça ser, tanto mais humilde deve ser e procurar o bem comum e não o próprio (I CLEM., XLVIII, 4).

Para enfatizar uma conduta que traga união para a comunidade, no capítulo XXXVII, 5, da carta, Clemente Romano utilizou uma metáfora, também mencionada por Paulo de Tarso, na sua I Carta aos Coríntios, cap. XII, 12-27. Nessa metáfora, Paulo de Tarso fez uma analogia com o corpo humano na qual enalteceu a união dos irmãos em Cristo equiparando essa unidade essencial com a perfeição do funcionamento do corpo humano. Da mesma maneira, Clemente Romano recomendou aos coríntios a devida observação do corpo humano e retirar desse funcionamento perfeito a devida harmonia.

Reparemos no nosso corpo: a cabeça sem os pés não é nada, nem os pés sem a cabeça. Os membros menores do nosso corpo são os mais necessários e úteis a todo o corpo. Contudo é necessário que todos conspiram para um mesmo fim e se submetam a uma autoridade para que o corpo todo se salve (I CLEM., XXXVII, 5).

Dessa maneira, Clemente Romano dispõe desse gênero didático para reforçar a unidade e a necessidade de subordinação dos membros da comunidade à hierarquia legitimamente constituída da comunidade, conforme o exemplo. Evidenciou a importância da colaboração e da harmonia entre aqueles que têm maior ou menor relevância, pois um não pode sobreviver sem o outro. Todos em união proporcionam o funcionamento perfeito para um corpo, seja o biológico, ou o social, no caso dos cristãos, seja o espiritual, no caso da comunidade cristã (PEREIRA MELO, 2012, 198).

Conforme é possível entender na redação de Clemente Romano, as exortações em relação à comunidade transmitem uma forma de reuni-la num objetivo comum, o de formar a nova crença de forma ordenada e estruturada para a comunhão de fé. O meio para a realização desse objetivo era a instrução e a formação de seus adeptos, cada um na sua função. Conforme a compreensão de Trevijano (1994), o objetivo da carta de Clemente Romano é expressamente eclesiológico (63,2), uma vez que as admoestações morais, na figura de “catálogos de vícios e virtudes com relatos exemplares, estão a serviço desse interesse para assegurar a paz e a concórdia como um valor social, eclesiológico” (TREVIANO, 1994, p. 21). Ressalta-se que esta é uma das finalidades de Clemente Romano, mas não a primordial, uma vez que as recomendações principais perpassam a fé, a humildade, o amor, a fraternidade e união, com o propósito de formar e educar o homem cristão para a nova crença. Entende-se que a Igreja se configura “como estrutura organizada com autoridade institucional” (TREVIANO, 1994, p.21), mas não naquele momento, em que se organizavam as comunidades de forma instrucional, sem ter ainda por objetivo uma organização eclesiástica como depois se verificou.

Além do mais, nos ensinamentos e analogias que Clemente Romano recomendou a esta comunidade com problemas, enfatizou o fato de que fosse privilegiado também a educação coletiva, tendo como modelo o ordenamento da natureza física e humana. Esta era a primeira finalidade da carta de Clemente Romano: instruir e formar o homem que se encontrava num abismo social, não sabendo como agir e que rumo tomar no Império Romano. Havia uma situação de religiões em confronto enquanto outras surgiam, o judaísmo lutando por manter Israel viva e cultos politeístas, um ambiente perfeito e sugestivo para uma nova crença que oferecesse novas referências aos romanos.

Assim sendo, em face do exposto, importa considerar a importância de Clemente Romano, situado nas origens do cristianismo e, nesse contexto, as contribuições que ofereceu na elaboração de um perfil formativo. Em primeiro lugar, Clemente Romano está demonstrando que o seu objetivo é conduzir os cristãos para uma unidade comunitária a partir dos valores sugeridos por ele e que cumpriria à formação concretizar. Quando Clemente Romano redigiu a sua carta mencionava a *paideia*, que significava a maneira que o pecador possuía para se tornar um homem melhor, que seria passar por uma mudança de espírito mediante o castigo sofrido aqui

mesmo, neste mundo. Somente assim, ele se tornaria o homem desejado pela formação cristã. Nesta perspectiva, ele acreditava na “*paideia* de Cristo” e a ofereceu ao homem de Corinto como “a grande força protetora na vida do cristão”. Ele também pressupunha o reconhecimento destes homens virtuosos à existência do *ágape* cristão, em que buscariam o bem comum em detrimento deles mesmos (JAEGER, 2014, p. 35).

Em segundo lugar, na carta que escreveu, Clemente Romano sempre alertou para que os cristãos vivessem como irmãos em Cristo, uma súplica que se tornou uma constante. O que podemos compreender é a defesa de um sentimento familiar necessário para edificar o homem nas leis cristãs e na obediência das virtudes já elencadas. Elas contribuiriam para definir um comportamento inclinado para o divino, para a santificação, como se pode constatar no capítulo II. 1.

Todos pensáveis humildemente e não vos vangloriáveis. Preferíeis obedecer a ser obedecidos; dar o próprio a receber; contentáveis-vos com as provisões que Cristo vos fornecia para o vosso peregrinar; e escutando as suas palavras, guardávei-las carinhosamente no íntimo do vosso coração e conserváveis seus sofrimentos diante dos vossos olhos. 2. Assim, era-vos concedida a todos uma paz profunda e uma ânsia insaciável de bem-fazer; e sobre todos se estendia uma abundante efusão do Espírito Santo (I CLEM., II, 1).

Ao mencionar essa condição, a promessa era que uma vez que se submetessem aos direcionamentos propostos e obedecessem com fé e brandura, seriam preenchidos pelo Espírito Santo e teriam a vida eterna com Deus e Jesus Cristo no paraíso celestial, uma vida após a morte com todas as graças prometidas. Clemente Romano exalta esses valores à comunidade de Coríntios, no capítulo I, ao recordar o comportamento nos caminhos da santidade que é, à rigor, o fim a que todo cristão busca.

Quem houve, pois, que vos tivesse visitado e não apreciase a verdadeira virtude e firmeza da vossa fé? Não admirasse a sábia e consentânea piedade em Cristo? Não proclamasse a vossa generosíssima hospitalidade? e não felicitasse a vossa acabada e firme ciência divina? 3. Efetivamente tudo fazíeis sem preferência de pessoa; andáveis nas leis de Deus; éreis submissos aos vossos superiores; prestáveis a honra devida aos vossos anciãos; induzíeis os jovens a pensar o justo e o santo; exortáveis as mulheres a fazerem tudo em consciência irrepreensível, santa e pura, amando os seus

maridos como convém e, andando na lei da obediência, ensinávei-las a cuidar da casa sábia e santamente (I CLEM., I, 2-3).

Diante disso, Clemente Romano compreendeu que o modelo ideal de homem era aquele que se adequasse aos ensinamentos advindos de Cristo e divulgado pelos apóstolos, mesmo que amparados por exemplos clássicos.

Assim, a formação moral é um dos ideais a serem perseguidos pelos cristãos. Nessa formação cristã, não havia espaço para a discórdia, pois, os exemplos deixados por Cristo, apontavam para a paz, a harmonia, a união e o amor, conforme afirmou no capítulo XIV, que ratificam estes comportamentos.

Comportemo-nos uns para com os outros segundo a comiseração e a doçura daquele que nos criou. 4. Pois está escrito: os mansos habitarão a terra e os inocentes permanecerão nela, mas os que agem iniquamente serão dela exterminados.5. E volta a dizer: Vi o ímpio exaltado e elevado como os cedros do Líbano, mas ao passar já lá não estava; procurei o seu lugar, mas já não o encontrei. Guarda a inocência e observa a equidade que são apanágio do homem pacífico (CLEM., XV, 2-5).

Isso posto, cumpre afirmar que o homem ideal pretendido por Clemente Romano era aquele que buscava alcançar a perfeição como homem cristão. Ele seria um modelo para os demais porque teria Cristo como exemplo santificador a partir do qual revela um comportamento humilde, piedoso e justo. A partir desta concepção, as virtudes que Clemente Romano elencou serão referenciais para o fundamento educacional e formador do cristão. Era na família a forma como esse homem, a semelhança de Cristo, seria moldado e, depois, nas comunidades. Elas seriam extensões da família universal onde Deus é entendido como o grande pai e, como tal, todos seriam elevados à condição de irmandade. Com esses princípios, as ideias defendidas por Clemente Romano em sua Carta endereçada a Coríntios, se junta a uma tradição de pensamento que formou o cristianismo e, como tal, é reveladora das contradições e dos valores que visavam superá-las. Por esse motivo, esse pensador cristão é fundamental para compreender um momento importante da história e o modo como, naquele momento, a educação foi convocada a atender os interesses e demandas da igreja.

5. CONCLUSÃO

Ao discutir a *I Carta de Clemente Romano aos Coríntios*, escrita no século I d. C., podemos entender que a finalidade primordial foi a educação cristã proposta pelo padre apostólico para aquela comunidade, tendo como base a *paideia* grega já sistematizada pela filosofia grega. A partir da educação cristã, estabeleceu as diretrizes básicas para difundir o cristianismo nos domínios do Império Romano, um ambiente tido como opressor e autoritário para os cristãos, promovido por perseguições. Em face disso, Clemente Romano resistiu e estimulou a resiliência dos cristãos a partir das crenças que acreditava serem as corretas mediante a fé. Entre as formas que elaborou, constava o apelo aos aspectos e valores formativos que defendeu no texto que enviou para uma comunidade que apresentava crises internas.

O entendimento do modelo formativo elaborado por Clemente Romano partiu do fato de que a compreensão da educação cristã se alarga quando a pensamos inserida na dinâmica das relações sociais do autor em discussão. No caso desse padre apostólico, o estabelecimento do cristianismo no interior do Império Romano e em cidades gregas, a exemplo de Corinto, não foi livre de conflitos internos e crises. No enfrentamento delas, um novo modelo de homem e sociedade são propostos, em detrimento de uma outra, oposta aos valores e princípios cristãos. Para tanto, o entendimento da dinâmica formativa cristã se utilizou do estudo da fonte primária, a *I Carta de São Clemente Romano*, a partir do qual foi possível entender que ela defendia princípios espirituais e morais como fundamentos das comunidades cristãs. O padre apostólico propôs uma formação cristã que efetivasse o modelo de cristão, o qual passava pela aquisição de comportamentos virtuosos.

Na efetivação das virtudes exigidas para o homem cristão, ele usou de artifícios para fortalecer a religião, entre os quais a de edificar um novo homem tendo como modelo a imitação de Jesus Cristo. Clemente Romano utilizou de muitas histórias da tradição cristã, inspiradas no judaísmo e não dispensou as tradições pagãs, tanto da filosofia clássica como das histórias disseminadas na cultura helênica quando elas lhes interessavam para justificar o que defendia. Sob o ponto de vista pedagógico, podemos entender que os recursos utilizados por Clemente Romano foram sistematizados com a finalidade de realizar o ideal humano. Este ideal precisava se

adequar à nova religião orquestrada pelos propagadores da mensagem messiânica de Jesus Cristo. O messias ensinava uma forma de amar diferente daquela que conheciam. Era baseada principalmente no amor ao próximo, um amor incondicional e irreconhecível pela maioria dos homens daquele período. O Império Romano ditava as suas regras e nelas não constava o acolhimento aos mais necessitados, nem amor aos que sofriam. E somente se preocupavam com as conquistas territoriais que conseguissem para o Império Romano a qualquer preço.

A nova crença inspirada nos atos de Jesus Cristo, tinha como objetivo primordial a instrução de pessoas negadas e alijadas da sociedade. O discurso, embora elegeisse como preferidos, os ignorados, não desatendeu personagens dos setores econômica e politicamente mais privilegiados, porque a fé cristã se estabeleceu como universal. Apesar de viver sob opressão constantemente, o homem cristão não almejava uma revolução social, mas ele passou por uma transformação individual e social, uma vez que os pregadores cristãos elegiam um evangelho universal, em que todos seriam irmãos em Jesus Cristo. Não haveria mais entre eles divisões ou denominações, ricos ou pobres, escravos ou romanos. E esta promessa de igualdade auxiliou no enfrentamento das condições sociais. Quando se vislumbrou para esse homem negado, uma salvação das agruras que experienciava, se compreende o modo como o cristianismo se enraizou, muito em função das promessas feitas de uma vida nova.

O objetivo dos propagadores da nova crença, era fortalecer os homens na fé, no cultivo do espírito, na aceitação passiva de suas condições materiais e espirituais, na busca de formar um homem obediente, de fé, com amor ao próximo, humilde para se reconhecer pequeno diante da humanidade. E, assim, Clemente Romano destacou em sua carta, as virtudes para esse homem negado, aquele que sem esperança de alcançar o bem-estar na terra, poderia receber as bem-aventuranças no paraíso que acreditava iria encontrar no céu após a morte. Clemente Romano exaltou o amor ao próximo, a fé, a humildade, a caridade, a fraternidade, a disciplina em Cristo, colocando a cargo da família a edificação e educação deste homem. Apesar disso, elegeu a fé sustentada pelas obras como condições mais favoráveis aos cristãos, sobretudo na resolução das disputas internas que ele procurou sanar. Ao apelar para a formação cristã, ele defendeu a unidade da igreja e se posicionou favoravelmente ao afastamento daqueles que iriam contra os interesses coletivos.

Enfim, Clemente Romano apelou para os valores cristãos como meios de convencer os fiéis a seguirem na nova crença e, para isso, recorreu aos recursos de que dispunha. Ao defender um conjunto de virtudes, que comporiam a formação do homem cristão, Clemente Romano deixou elementos substanciais para compreender como a religião cristã se consolidou no mundo antigo, da mesma forma em que pôs em evidência os fatores históricos de formação. Assim, a I Carta de São Clemente Romano destinada à comunidade de Coríntios, é um importante recurso para compreender um momento bastante singular da história e, em especial, a da educação cristã que se perpetuou por muitos anos, se aprimorando e se solidificando como uma forma de instruir e formar o homem.

REFERÊNCIAS

ALTANER, Berthold. **Patrologia**: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja/ Alfred Stuiber; tradução Monjas Beneditinas – 2ª edição – São Paulo: Paulinas, 1988.

The epistle of Clement of Rome to the Corinthians. With an introduction and notes by COWPER, B. Harris. London: The Religious Tract Society, 1867 Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=BrRWAAAACAAJ&pg=GBS.PA2>

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser; revisão Nélio Schneider. Santo André: Editora Academia Cristã, 2008.

CARTA de são Clemente Romano aos Coríntios. Introdução de Roque Frangiotti *In*: _____, **Coleção Patrística**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. v. 1. Página 23-72.

CASTELLARO, María Inés. **Clemente Romano, sembrador de fraternidad en la Carta a los Corintios**. VERITAS, N° 34 (Marzo 2016) 211-228. Recibido: 30/Septiembre/2015 - Aceptado: 10/Noviembre/2015. Centro de Estudios Filosóficos y Teológicos (Córdoba-Argentina) maria_inescastellaro@hotmail.com

CESARÉIA, E. de. **História eclesiástica**. São Paulo: Fonte Editoria, 2005.

CLEMENT I, P. The First epistle of Clement of Rome to the Corinthians. With an introduction and notes. *In*: COWPER, B. H. **The First Bishop of Rome taught**. London: Religious Tract Society, 1867. p. 325-342.

CLEMENTE ROMANO. **Carta aos Coríntios**. Introdução de Isidro P. Lamelas, Tradução de Luís Marques Alcalá: Lisboa, 2000.

CROSSAN, John Dominic. **O Nascimento do Cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus**. Tradução de Bárbara Theoto Lamber. São Paulo: Paulinas, 2004.

COULANGES, Fustel. **A cidade antiga**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DANIEL-ROPS, H. **A igreja dos apóstolos e dos mártires**. 3. ed. São Paulo: Quadrante, 2014.

DROBNER, Hubertus R. **Manual de Patrologia**. Tradução de Orlando dos Reis e Carlos Almeida Pereira. Editora Vozes Ltda: Petrópolis-RJ, 2003.

DUFFY, Eamon. **Santos & Pecadores: História dos Papas**. Tradução: Luiz Antonio Araujo. Cosac & Naify Edições Ltda. São Paulo, 1998

FERRAR, W. J. Clemente de Roma. **Teologia**, Campinas, SP, v. 17, n. 101, p. 275282, 1928. Doi: 10.1177 / 0040571X2801710102.

FILORAMO, Giovanni; RODA, Sérgio. **Cristianismo e Sociedade Antiga**. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997.

GIANDOSO, Daniel Marques. **A Polêmica judaico-cristã nas Atas dos Mártires**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2016. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02122016-135510/publico/2016_DanielMarquesGiandoso_VCorr.pdf. Acesso em: 03 mar. 2021.

GIBBON, Edward. **Os Cristãos e a Queda de Roma**. Tradução de José Paulo Paes e Donaldson M. Garschagen . 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

GIDALTE, Lara Ximenes. **Corinto: uma análise sociocultural para a fundamentação do estudo sobre as relações de gênero existentes nas comunidades cristãs do século I E. C.** Artigo aprovado em 2015 pela Revista Eletrônica de Antiguidade – NEArco, Ano VIII, Número II da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.neauerj.com/Nearco/arquivos/numero16/4.pdf>

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Tradução de Eduardo Brandão – 3ª ed. – São Paulo – Editora WMF Martins Fontes, 2013.

GONDRA, J. G.; MACHADO, M. C. G.; SIMÕES, R. H. (Orgs). **História da Educação: matrizes interpretativas e internalização**. Vitória: EdUFES, 2017. p. 227-271.

GRIMAL, P. **A civilização romana**. Lisboa: Edições 70, 2020.

HAMMAN, A. G. **Para ler os padres da igreja**. São Paulo: Paulus, 1995.

HOBSBAWM, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império: o reino de Deus e a nova desordem mundial**. [tradução Euclides Luiz Calloni]. – São Paulo: Paulus, 2004.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 2014.

INSUELAS, João Baptista Lourenço. **História da Patrologia: História da Literatura Antiga da Igreja. Escola Tipográfica das Oficinas de São José. Braga- Portugal, 1943.**

JAEGER, W. **Cristianismo primitivo e Paidéia grega.** Tradução de Daniel Costa. Santo André: Academia Cristã, 2014.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego.** Tradução Arthur M. Parreira. Revisão do texto grego por Gilson Cesar Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JEFFEERS, J. S. **Conflito em Roma: ordem social e hierarquia no cristianismo primitivo.** Tradução de Adail V. Sobral; Maria Stela Goncalves e Laureano Pelegrin. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2005. v. 2: história e literatura do Cristianismo Primitivo.

LEITE, Francisco Benedito. **A Metáfora do Corpo na I Carta de Clemente de Roma aos Coríntios (37,5 - 38,1): uma análise dialógica.** Dissertação (Mestrado em Ciências de Religião) 2012. 162 f. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

MARTIN, T. R. **Roma antiga: de Rômulo a Justiniano.** Tradução de Thomas R. Martin Porto Alegre: L&PM, 2019.

MATOS, Marcelo Fróes de. **O Mistério Pascal na Homilia: Um Serviço da Comunidade por meio da Liturgia da Palavra.** USP- São Paulo, 2011. Dissertação apresentada no Mestrado em Liturgia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – USP, 2011. <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18292/1/Marcelo%20Froes%20de%200Matos.pdf>. Acesso em 03/08/2021.

MEEKS, Wayne A. **Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo.** Tradução de I. F. L. Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

_____. **As Origens da Moralidade Cristã: os dois primeiros séculos.** Tradução de Adaury Fiorotti. – São Paulo: Paulus, 1997.

MELO, J. J. P. **São Clemente Romano e sua Carta aos Coríntios: aspectos da educação cristã.** Revista Brasileira de História das Religiões, ANPUH, Porto Alegre, ano V, n. 13, maio 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30258> Acesso em: 12 jan. 2020.

MORESCHINI, C.; NORELLI, E. **História da literatura cristã antiga grega e latina: I de Paulo a Era Constantina.** São Paulo: Loyola, 1996.

MORESCHINI, Claudio. **História da filosofia patrística**. Tradução de Orlando Soares Moreira. – 2ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2013.

NASCIMENTO, Amanda C. M. Do; SELVATICI, Monica. **O Início da Hierarquização no Cristianismo Primitivo na I Carta de Clemente Romano aos Coríntios (século I D. C.)**. Revista Relegens Thréskeia, V. 8, pp. 132 a 152 - 2019- UFPR

PADRES APOSTÓLICOS. **Introdução e notas explicativas de Roque Frangiotti**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. Patrística.

PEREIRA, M. H da R. **Estudos de história da cultura clássica**. 12. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017. v. 1, Cultura Grega.

POPE, C. I. **Clement of Rome: the two epistles to the Corinthians**. a revised text with introduction and notes by J.B. Lightfoot. Cambridge: Trinity College, 1869. Disponível em:
<https://play.google.com/books/reader?id=PH9AAAAIAAJ&pg=GBS.PA4>. Acesso em: 12 jan. 2020.

POPE, C. I. **What the First Bishops of Rome taught: the Epistle of Clement of Rome to the Corinthians**. With an introduction and notes. The translation by B. Harris Cowper. Disponível em:
<https://play.google.com/books/reader?id=BrRWAAAACAAJ&hl=pt&pg=GBS.PA3>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SOCIEDADE Bíblica do Brasil. Revista e corrigida, edição de 1995 da Sociedade Bíblica do Brasil. 2. impr. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2019. Disponível em:
<https://docer.pl/show/?q=Revista+e+Corrigida%2C+edi%C3%A7%C3%A3o+de+1995+da+Sociedade+B%C3%ADblica+do+Brasil.+2.+Impr.+Rio+de+Janeiro%3A+Casa+Publicadora+das+Assembleias+de+Deus%2C+2019>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SPINELLI, Miguel. **Herança Grega dos Filósofos Medievais**. São Paulo: Hucitec, 2013.

RAGAZZINI, D. **Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?** Educ. Rev., Curitiba, n.18, p.13-27, 2001.

REALE, G. **História da Filosofia antiga**. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994. Volume III: Os sistemas da era helenística, 3.

ROPERO, Alfonso. **Lo Mejor de Los Padres apostólicos**. Traduzido e adaptado ao Espanhol por Alfonso Roper. Editorial Clie: Barcelona, Espanha. 2004.

ROSTOVTZEFF, Michael Ivanovitch. **História de Roma**. Tradução de Waltensir Dutra. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

RUIZ BUENO, Daniel. **Padres Apostólicos Y apologistas griegos (S.II)**. Madrid: BAC, 2002.

SÃO JERÔNIMO. **Sobre os Varões Eclesiásticos Ilustres**. Trad. Pe. Alfredo Rafael Belinato Barreto. Londrina: Midiograf II, s/d.

SILVA, Roseli Gall do Amaral. **A formação do homem ideal em Paulo de Tarso: o amor como elemento formativo**. Dissertação de Roseli Gall do Amaral Silva apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR: UEM, 2010. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/SITE%20PPE%202010/dissertacoes/2010_roseli_gall.pdf Acesso em 27 jul. 2021.

THEISSEN, Gerd. **A Religião dos Primeiros Cristãos: Uma teoria do Cristianismo Primitivo**. Tradução de Paulo F. Valério. – São Paulo: Paulinas, 2009.

TREVIJANO ETCHEVERRIA, Ramon. **Patrologia**. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid: 1994.

VIELHAEUR, Philipp. **História da Literatura Cristã Primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos do Novo Testamento e os Pais Apostólicos**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: SP: Editora Academia Cristã Ltda, 2012.

WITHROW Brandon G. **Rising from the Ashes: Rediscovering the St. Clement of Rome's Doctrine Perseverance**. Testamentum Imperium An International Theological Journal. Volume I - 2005 - 2007

WITHROW, Brandon G. **Ressuscitando das Cinzas: Redescobrimo a Doutrina da Perseverança de São Clemente de Roma**. Testamentum Imperium – Volume I – 2005 -2007, Rising from the Ashes: Rediscovering the St. Clement of Rome's Doctrine of Perseverance(17p) Dr. Brandon G. Withrow—Samford University, Birmingham, AL, USA www.PreciousHeart.net/ti.